

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO
UNIDADE EDUCACIONAL SANTANA DO IPANEMA
BACHARELADO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

SILVANIA MONTEIRO DA SILVA

**COMÉRCIO CRIATIVO E DESENVOLVIMENTO LOCAL: O ARTESANATO DO
GRUPO ESTAÇÃO CANGAÇO DE PIRANHAS/ALAGOAS**

Santana do Ipanema - AL

2020

SILVANIA MONTEIRO DA SILVA

**COMÉRCIO CRIATIVO E DESENVOLVIMENTO LOCAL: O ARTESANATO DO
GRUPO ESTAÇÃO CANGAÇO DE PIRANHAS/ALAGOAS**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Economia.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Valquer Oliveira
Melo

Santana do Ipanema – AL

2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Unidade Educacional de Santana do Ipanema
Bibliotecária responsável: Larissa Carla dos Prazeres Leobino – CRB-4 2169

S586c Silva, Silvania Monteiro da

Comércio criativo e desenvolvimento local: o artesanato do Grupo Estação Cangaço de Piranhas/Alagoas / Silvania Monteiro da Silva – 2020.
51 f. : il.

Orientação: Manoel Valquer Oliveira Melo.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Alagoas. Unidade Santana do Ipanema. Curso de Ciências Econômicas. Santana do Ipanema, 2020.

Bibliografia: f. 48- 51.

1. Economia. 2. Criatividade. 3. Conservação Ambiental. 4. Piranhas. I. Título.

CDU : 33

FOLHA DE APROVAÇÃO

SILVANIA MONTEIRO DA SILVA

Comércio criativo e desenvolvimento local: o artesanato do grupo Estação Cangaço de Piranhas /Alagoas

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Curso de Bacharelado em Ciências Econômicas da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em (08) de (dezembro) de (2020).

Manoel Valquer Oliveira Melo

(Prof. Dr. Manoel Valquer Oliveira Melo, UFAL) (Orientador)

Banca Examinadora:

[Assinatura]

(Prof. Dr. Rafael Rodrigues de Oliveira, UFAL) (Examinador Interno)

[Assinatura]

(Prof. Mestre Alcides José de Omena Neto, UFAL) (Examinador Interno)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus que me guia e me proporcionou essa experiência maravilhosa que foi fazer parte da Universidade Federal de Alagoas-UFAL. Fazer parte da UFAL foi algo muito gratificante e um universo diferente que me transformou a cada dia desses últimos anos.

Além disso, agradeço aos servidores da UFAL, especialmente os da Unidade Santana do Ipanema- Campus Sertão, obrigada pela dedicação, apoio e incentivo.

Deixo aqui ainda, a minha gratidão ao professor Dr. Manoel Valquer Oliveira Melo que com paciência, sabedoria e dedicação orientou na elaboração da minha pesquisa. Obrigada.

Agradeço também aos artesãos que compõem o grupo “Estação Cangaço”, obrigada pela disposição em relatarem a história e vivência de vocês no ramo da criatividade.

Também não poderia deixar de agradecer a minha família, principalmente, minha mãe Silvianne Monteiro e meu pai Antonio José que desde cedo me incentivam a estudar e ao decorrer da vida acadêmica não foi diferente. Mãe, em especial, obrigada pelos conselhos, dicas, elogios e críticas construtivas, isso me fortaleceu em muitas situações.

Agradeço ainda, as amigas que encontrei na UFAL, especialmente, Fabiana, Eriane, Jany e Lohane. Obrigada pelos conselhos, empatia e troca de conhecimentos.

Por fim, sou grata aos que contribuíram de forma direta ou indireta para o meu crescimento profissional e pessoal. Deixo aqui a minha profunda gratidão.

RESUMO

Esta monografia trata sobre a relação entre o comércio criativo e o desenvolvimento local, a pesquisa partiu de uma experiência com um grupo de artesãos da cidade de Piranhas, Sertão de Alagoas. Com base no que se denomina como Economia Criativa – EC, a qual consolida a criatividade como área do conhecimento, o estudo propôs como objetivo de análise retratar o trabalho manual com sua capacidade intrínseca de criar ideias originais proporcionando bens e serviços que envolvem a criatividade, sensibilidade e a união de habilidades. No tocante ao artesanato de raiz produzido no Estado de Alagoas, apontam-se como bem representativo e diversificado, utilizam-se cerâmica, cestaria, madeira, renda, bordados, couro, entre outros. Ressaltamos que existe uma trama que se estreita entre o desenvolvimento do turismo local e o artesanato da região. Sabe-se que o artesanato é considerado um elemento relevante do setor criativo, ademais contribui para a geração de renda, conservação ambiental e cultural. Pontuamos que a região objeto deste trabalho é banhada pelo Rio São Francisco, inegavelmente, tem sido observado como um celeiro na produção artesanal de qualidade reconhecido internacionalmente. Para objetivarmos o caminho percorrido desta investigação, ilustraremos o trabalho artesanal do grupo Estação Cangaço, constituindo-se por sete mulheres e um homem. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se apresenta de forma exploratória, dentro de uma abordagem qualitativa. Como procedimento para a coleta de dados foi realizada entrevista semiestruturada com os participantes. Portanto, embora com algumas limitações, o artesanato com seu viés inovador representa uma via indutora para o desenvolvimento local, pois agrega valores ambientais, culturais, sociais e econômicos.

Palavras-Chave: Benefícios Econômicos. Criatividade. Conservação Ambiental. Semiárido de Alagoas

ABSTRACT

This monograph deals with the relationship between creative commerce and local development, the research started from an experience with a group of artisans from the city of Piranhas, hinterland of Alagoas. Based on what is called creative economy – EC, which consolidates creativity as an area of knowledge, the study proposed as an analysis objective to portray manual work with its intrinsic ability to create original ideas providing goods and services that involve creativity, sensitivity and the union of skills. Regarding the root crafts produced in the State of Alagoas, ceramics, basketry, wood, lace, embroidery, leather, among others, are indicated as well representative and diversified. We emphasize that there is a plot that is close between the development of local tourism and the crafts of the region. It is known that handicrafts are considered a relevant element of the creative sector, in addition it contributes to income generation, environmental and cultural conservation. We point out that the region object of this work is bathed by the São Francisco River, undeniably, it has been observed as a barn in the artisanal production of internationally recognized quality. To aim at the path taken by this investigation, we will illustrate the artisanal work of the Station Cangaço group, consisting of seven women and one man. From the methodological point of view, the research is presented in an exploratory way, within a qualitative approach. A semi-structured interview was conducted as a procedure for data collection with the participants. Therefore, although with some limitations, craftsmanship with its innovative bias represents an inducing path way for local development, as it adds environmental, cultural, social and economic values.

Keywords: Economic Benefits. Creativity. Environmental Conservation. Semi-arid of Alagoas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Faixa etária dos artesãos	30
Figura 2- Nível de escolaridade dos artesãos	31
Figura 3- Slogan da associação de artesanato	36
Figura 4- Couro da tilápia	37
Figura 5- Show peixe.....	39
Figura 6- Bolsa que remete as características do sertão alagoano.....	39
Figura 7- Tiaras produzidas a partir de resíduos	40
Figura 8- Colares e chaveiros	41
Figura 9- Porta- cartões	41
Figura 10- Renda média mensal da produção de artesanato	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACT	Associação dos Artesãos em Couro de Tilápia
EC	Economia Criativa
FIRJAN	Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PAB	Programa do Artesanato Brasileiro
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UNCTAD	Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A ECONOMIA CRIATIVA COMO CATEGORIA DE ANÁLISE	15
3	A PRESENTIFICAÇÃO DO ARTESANATO ALAGOANO	22
3.1	Caracterização do objeto de estudo	22
4	SUJEITOS DA PESQUISA: PERCURSOS METODOLÓGICOS CRIATIVOS	26
5	A INOVAÇÃO DO COMÉRCIO CRIATIVO COMO CONDICIONANTE PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	32
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda características do comércio criativo pelo viés do artesanato. Entendendo-se como segmento da Economia Criativa- EC, observou-se um resultado promissor em face da capacidade de promover alternativas para propiciar o desenvolvimento local. Vale ressaltar, que esta categoria de análise tem sido de suma importância para compreender o mundo do ponto de vista globalizado. Haja vista, a preocupação de encontrar alternativas de desenvolvimento, “cujo objetivo principal consiste na possível conciliação entre o desenvolvimento, a preservação ambiental e a melhoria da qualidade de vida das pessoas” (REIS, 2018, p. 02). Para tanto, o setor criativo aliado ao desenvolvimento local perpassa por esses princípios que ressurgem como possíveis direções para enfrentar as crises socioeconômicas da atualidade.

Na dinâmica perversa do capital e trabalho, o setor econômico sofre modificações conforme os segmentos de mercado. Nos tempos modernos, a criatividade se destaca com um importante papel para os que almejam alcançar uma maior visibilidade econômica. Assim, os modos de produção para o mercado estão proporcionando formas atrativas, sendo uma delas a EC, que se destaca na produção de produtos ou serviços baseados, especialmente, em criatividade, conhecimento e cultura¹. De forma preliminar, no tange a questão da criatividade,

[...] pode-se notar que uma das principais dimensões presentes nas diversas definições de criatividade implica a emergência de um novo produto, seja uma ideia ou uma invenção original, seja a reelaboração e aperfeiçoamento de produtos ou ideias já existentes (ALENCAR; FLEITH, 2003, p. 13-14).

Essa proposta de base econômica difere dos dogmas da economia tradicional, pois as principais matérias primas utilizadas advêm de bens que se multiplicam com o tempo, como: conhecimento, cultura e informação (DEHEIZELIN, 2016). Desse modo, a partir de meios criativos é possível gerar renda e agregar valor ao que é produzido na cultura local.

Neste sentido, o arcabouço da EC não visa apenas gerar renda, além disto, propõem-se a valorização da cultura e de setores periféricos que estão inserindo a criatividade na produção. Nesta perspectiva de análise, o artesanato é atribuído ao mercado criativo uma vez que os artesãos fazem uso de habilidades, conhecimento, criatividade e cultura local, com intuito de elaborar artefatos que por vezes promove a cultura, gera renda e melhora a qualidade de vida desses artesãos.

¹ Mediante as várias interpretações acerca do conceito “cultura”, a presente pesquisa fundamenta-se em “modos de vida que caracterizam uma coletividade [...] definida como um sistema de signos e significados criados pelos grupos sociais” (CANEDO, 2009, p. 04).

Sendo assim, o artesanato é o produto realizado pelo artesão que elabora as peças a partir das contribuições vistas anteriormente, além disso, a produção manual é a essência nesse processo. “As mãos tecem, moldam, desmontam, montam, esculpem, trançam, criam e recriam inúmeros artefatos, que se diferem entre si. Pode se seguir um modo de fazer, um molde, mas cada peça é única.” (MACHADO, 2016, p. 67). Dessa forma, a pesquisa adentra o contexto do trabalho manual e esse sendo parte fundamental para o desenvolvimento das peças.

Assim, a maneira como as peças são produzidas revela singularidade em cada objeto. O artesão adiciona ao processo, criatividade e atenção em cada detalhe. As peças possuem contornos diferentes que além de desenvolver o objeto estético propicia uma relação com o artesão e o produto artesanal. O artesão conhece cada processo, as motivações para desenvolver tal peça, as características locais que estão inseridas no objeto. Assim, “Cada acabamento e cada detalhe transforma a matéria-prima em um objeto estético simbólico transmissor de uma mensagem representativa do conhecimento e destreza de seu criador” (MACHADO, 2016, p. 67-68). Desse modo, através da utilização da criatividade e conhecimentos particulares é possível criar produtos originais e específicos da região, contribuindo para diferenciar as peças de artesanato das demais inseridas no mercado consumidor.

As comunidades locais que desenvolvem esse segmento podem fazer uso da criatividade para possibilitar o desenvolvimento local. Mas nesta perspectiva para o local é importante ponderar que além de desenvolver o econômico é essencial propiciar condições necessárias para melhorar a qualidade de vida local, dentre outros aspectos.

Pode-se definir o desenvolvimento local como sendo o conjunto de diversas dinâmicas que se relacionam (social, econômica, política e cultural), atuantes em um território demarcado por características próprias que induzem mudanças qualitativas naquela estrutura (OLIVEIRA; SILVA; LOVATO, 2014, p. 113).

Para ampliar os conhecimentos e fundamentar a pesquisa, verificaram-se artigos, revistas, teses, monografias, sites e livros. Ademais, para contextualizar o grupo de artesanato, ocorreram coletas de dados através do trabalho de campo, com entrevistas semiestruturadas, captura de imagens fotográficas e gravações em áudio.

Nesse cenário, o objetivo do estudo é abordar aspectos da EC, bem como o artesanato e suas contribuições para o desenvolvimento local. Sendo assim, utilizamos como objeto de estudo uma experiência que põe em evidência os novos modelos socioeconômicos. O caso em especial é o grupo cognominado de Estação Cangaço, organizado pela Associação dos Artesãos em Couro de Tilápia- AACT e desenvolvido principalmente por mulheres que

residem no município de Piranhas, Alagoas.

A maioria das peças são confeccionadas a partir do couro da tilápia², espécie de peixe comum na região. Contudo, não é uma espécie endêmica dos rios brasileiros. No Velho Chico a ideia tem sido o desenvolvimento da aquicultura, foi introduzida ao ambiente e certamente causou uma alteração naquele ecossistema aquático. A produção geralmente acontece em tanques-rede distribuídos em vários pontos do rio. Por conta do manejo inadequado muitas dessas espécies acabaram se desprendendo dos viveiros e povoando o rio.

No tocante a minimização de impactos negativos, o grupo de artesãos realiza um trabalho socioambiental importante, pois se reutilizam do couro do peixe evitando o descarte da matéria orgânica no ambiente do rio. Partimos da perspectiva de que a associação de artesanato traz benefícios socioeconômicos porque gera renda, melhora a qualidade de vida dos artesãos e agrega valores à cultura local, mas principalmente o serviço ambiental na cadeia produtiva da tilapicultura.

Nesse contexto, a cidade de Piranhas apresenta diversas belezas naturais e uma riqueza cultural atrelada em parte à história do cangaço e as edificações existentes na localidade. Porém, é também reconhecida por uma relação com a produção de artesanato, demonstrando meios propícios para a geração de renda e empregabilidade na área, sendo uma cidade turística que atrai indivíduos de várias localidades.

Para nos debruçar sobre a EC, o que até aqui foi colocado sobre a criatividade, será que o ambiente tem influência no processo criativo? É esse o diferencial? Para não entrarmos em discussões infundáveis sobre este expediente: “O processo de criatividade deve ser entendido, portanto, como resultados da interação de fatores individuais e ambientais, que envolvem aspectos cognitivos, afetivos, culturais e históricos” (ALENCAR; FLEITH, 2003, p. 47).

Para apresentarmos o nosso itinerário de pesquisa, na primeira parte deste trabalho abordam-se alguns aspectos da Economia Criativa como categoria de análise, focalizando-se no segmento do artesanato. A investigação propõe dar visibilidade a matéria prima básica e de sua viabilidade para o alcance do desenvolvimento local. No segundo momento, trataremos sobre o nosso percurso metodológico, primeiramente caracterizando-se o território pelo viés

² No Brasil, a tilapicultura teve seu início na década de 1970. Embora não seja uma espécie nativa, a tilápia do Nilo (*Oreochromis niloticus*), principal espécie produzida no Brasil, foi introduzida, juntamente com a tilápia de Zanzibar (*Oreochromis hornorum*), pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), em 1971. Os primeiros espécimes foram introduzidos pelo DNOCS com o intuito de proporcionar a produção de alevinos para o peixamento (espécie de repovoamento) dos reservatórios públicos da região Nordeste e para o fomento do cultivo (SCHULTER, FILHO, 2017, p. 14).

da tradição artesanal do Estado de Alagoas, vista como um celeiro de mestres artesãos de raiz.

No terceiro tópico, faz-se uma contextualização sobre os sujeitos participantes da pesquisa. Em seguida, tratamos na quarta seção da perspectiva do desenvolvimento local, assim como o grupo Estação Cangaço, sua origem criativa e peculiaridades locais. Para tanto, nesta última seção do estudo expomos a importância da produção artesanal, tanto em nível econômico quanto social, entretanto, apontam-se as principais dificuldades para fomentar a consolidação e expansão do trabalho do grupo no âmbito do mercado do comércio criativo.

2 A ECONOMIA CRIATIVA COMO CATEGORIA DE ANÁLISE

De início é importante salientar que a pesquisa parte de um estudo de caso sobre o trabalho do grupo de artesãos residentes do Sertão das Alagoas, mas especificamente na cidade de Piranhas. Para fundamentar o estudo apresentaremos embasamentos teóricos voltados para a EC e suas particularidades associadas ao segmento do artesanato. É uma ideia promissora enfatizar alguns aspectos do comércio criativo direcionados para o Brasil, um mercado que continua em ascensão, mesmo diante da crise econômica frequente. Por outro lado, nota-se que “Existe ainda certa controvérsia terminológica envolvendo expressões como ‘economia criativa’, ‘indústrias criativas’ ou ‘economia da cultura’” (MACHADO, 2012, p. 92).

A princípio a origem do termo “economia criativa” se deu na Austrália em meados da década de 1990 e posteriormente recebeu uma maior notoriedade no Reino Unido, mas, o conceito tomou proporções mundiais a partir do século XXI (GOMES, 2018). É importante compreender que o princípio da criatividade atrelado a economia não é recente. Conforme afirma Castro *et al.* (2018, p. 34) “[...] pode-se dizer que esta conexão sempre existiu, mas foi somente nos últimos tempos que surge a denominação economia criativa e o interesse pelo seu estudo”. Apesar disso, o segmento de mercado abrange várias discussões a respeito do termo. Uma definição de EC considera que esta agrega produtos e serviços que são produzidos principalmente através do conhecimento, cultura e criatividade.

A Economia Criativa pode ser definida como um conjunto de atividades econômicas baseadas no conhecimento, que fazem uso intensivo do talento criativo incorporando técnicas e/ou tecnologias e agregando valor ao capital intelectual e cultural. Através da cultura, ela gera riqueza e se constitui num poderoso instrumento de alavancagem do desenvolvimento socioeconômico (REIS E DEHENIZELIN, 2019, p. 13).

Nesse sentido, a EC atua com recursos que possuem capacidade para multiplicar-se com o tempo, algo que a torna diferente da economia tradicional. Além disso, adiciona em seus princípios a questão sustentável envolvendo a conciliação entre o aspecto econômico, social e ambiental.

Ao lidar com recursos renováveis, a Economia Criativa é estratégica para a sustentabilidade do planeta e de nossa espécie. [...] não é apenas uma atividade econômica, é também um fator de interação e evolução social, que pode fornecer elementos-chaves para um desenvolvimento baseado na percepção de nossa interdependência planetária. Ao atuar simultaneamente nas quatro dimensões ligadas à sustentabilidade (econômico, social, ambiental e simbólico), a Economia Criativa oferece possibilidade de recriar as sociedades e seus modelos, desenhando futuros mais desejáveis e harmônicos (REIS E DEHENIZELIN, 2019, p. 24).

Conforme aponta o relatório da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e

Desenvolvimento- UNCTAD, o setor criativo pode viabilizar um desenvolvimento centrado no indivíduo. Além disso, o segmento da EC favorece a formação de trabalho e desenvolve o ambiente econômico através da produção e oferta de bens que tenham como característica o fazer criativo.

Estimulada de forma adequada, a criatividade incentiva a cultura, infunde um desenvolvimento centrado no ser humano e constitui o ingrediente chave para a criação de trabalho, inovação e comércio, ao mesmo tempo em que contribui para a inclusão social, diversidade cultural e sustentabilidade ambiental (UNCTAD, 2010, p.19).

Nessa perspectiva, a criatividade não favorece somente a renda, mas dispõe muita das vezes de benefícios que auxiliam na qualidade de vida de grupos excluídos do mercado. Desse modo, a concepção da renda atrelada à criatividade pode contribuir também para a geração do bem-estar, ou seja, a ideia de produzir elementos criativos trabalha no sentido da elaboração de bens que produzam uma satisfação na geração do bem ou serviço.

Em geral, as indústrias criativas enriquecem a vida das pessoas na medida em que definem as características distintivas de diferentes sociedades, bem como oferecem os meios através dos quais as culturas e as comunidades se comunicam entre eles; geram prazer, cor e interpretação, tornam a vida mais fácil e, de uma maneira muito ampla, são uma expressão da elevação de nosso padrão de vida (NEWBIGIN, 2010, p. 17).

Além disso, o modo de produtividade integra o homem na produção, ou seja, a perspectiva trabalha em consonância com a utilização da mão de obra, sendo essa peça fundamental para a construção do processo de criatividade. Quando comparamos com a economia tradicional é notável que um dos diferenciais seja a inserção do homem na produção, enquanto que no meio tradicional temos a intensa implementação de máquinas para industrialização que acaba inviabilizando setores do trabalho manual.

[...] a busca desenfreada pelo aumento de produtividade e pela competitividade tem se constituído em um processo destrutivo que elimina postos de trabalho, aumentando o número de desempregados, provoca uma enorme precarização do trabalho e a exclusão de milhões de trabalhadores e trabalhadoras (ARAÚJO, 2004, p. 02).

Nesse sentido, deve-se compreender que o contexto atual exige que ideias criativas sejam desenvolvidas. Com isso, o mercado propõe entre outras questões a implementação da criatividade, tendo em vista enfrentar os desafios socioeconômicos da atualidade. Assim enfatizamos, a economia criativa difere da economia tradicional, pois propõe uma nova forma de gerar renda ao tempo em que valoriza o homem e sua cultura local, “mistura valores econômicos e valores culturais” (NEWBIGIN, 2010, p. 13).

No âmbito do setor criativo, têm-se os produtos culturais e criativos organizados em

dois setores, o primeiro faz parte do conjunto central, sendo produtos aprovados de maneira universal, bem como “[...] produtos musicais (mídia gravada, como CDs e fitas, [...] música impressa e instrumentos musicais), artes visuais (antiguidades, pinturas e esculturas), edição (livros, jornais e revistas) e materiais audiovisuais (filmes e vídeos)” (UNCTAD, 2010, p. 111).

Já o segundo setor é formado pelo conjunto de produtos opcional, reconhecido em parte por algumas metodologias. “Eles incluem artesanato, design e novas mídias. [...] que fornece flexibilidade para os criadores de políticas que procuram definir a estrutura estatística mais adequada para seus países” (UNCTAD, 2010, p. 111). Assim, o artesanato, observável de nosso estudo, é inserido ao mercado criativo, pois possibilita a oferta de objetos e serviços realizados na maioria das vezes com criatividade, conhecimento e cultura local.

Dessa forma, o artesão desenvolve “[...] uma atividade predominantemente manual que exige criatividade e habilidade pessoal. É uma manifestação de vida em sociedade, construção que se compõe no sentido de produzir bens que tenham a função utilitária, lúdica, decorativa ou religiosa” (CASTILHO *et. al.*, 2017, p. 200). Assim, é relevante compreender que a produção do artesanato não é atual, sendo uma ação presente desde os tempos remotos, tomando maiores proporções a partir do desenvolvimento histórico da humanidade.

Para ilustrar a morfologia do trabalho artesanal, segundo Marx (1975, p. 389) o processo da indústria capitalista direciona a produção artesanal para uma “decomposição da atividade do artesão nas diversas operações que a compõem”. Nesse sentido, o autor demonstra que o processo das indústrias capitalistas tenderia a eliminar ao longo do desenvolvimento econômico os setores desenvolvidos pela característica manual, ou seja, a essência da produção do artesão.

Contudo, na contemporaneidade, sabe-se que o processo que compõe o trabalho artesanal acabou tornando-se algo peculiar, ou seja, em meio à grande massa de produtividade, o produto desenvolvido pela produção do artesanato emerge pela especificação e particularidade local. O destaque para este tipo de produto se dá justamente pelo que discutimos quanto ao modelo atual do capitalismo, em que:

Num cenário no qual há busca crescente, por parte dos consumidores, de produtos diferenciados e originais o artesanato emerge como um contraponto à massificação e à uniformização de produtos globalizados ao promover o resgate cultural e a identidade regional (SANTOS, 2013, p. 15-16).

Com o ingresso da criatividade na produção artesanal, o artesão amplia os conhecimentos e hábitos particulares o que favorece a criação de bens originais e específicos da região. Além disso, os produtos elaborados, recebem um valor adicionado, por se tratar na

maioria das vezes de bens únicos, feitos sobre formas e meios exclusivos de cada particularidade local. Sendo assim, torna-se um diferencial dos produtos globalizados.

Além do objeto estético, o consumidor, especialmente o turista, considera para além do artefato em si, aspectos culturais inseridos ao objeto. Algo que acaba relacionando o artesão à confecção das peças de artesanato.

[...] um novo turista emerge em cena, com padrões de comportamento que o aproximam de um turismo de motivações culturais, que demanda vivências e experiências diversificadas, como parte dos roteiros de viagem. O artesanato passa a representar uma simbiose do produto e seu produtor, ou seja, o novo turista é um consumidor de relações produto/produtor. O produto artesanal passa a significar um elo de aproximação com a comunidade (RAMOS, 2013, p.52).

O setor criativo favorece países que apresentam recursos provenientes da cultura. De acordo com Reis e Dehenizelin (2019, p. 28) “A Economia Criativa favorece a diversidade cultural [...]. Esse é um aspecto fundamental para países em desenvolvimento, já que nós geralmente temos enormes recursos culturais ainda pouco aproveitados”. Nesse sentido, é necessário realizar algumas ponderações, o termo EC agrega aspectos culturais no sentido da manutenção e expansão das práticas periféricas, além disto os elementos culturais tornam-se base para a produção e oferta de produtos e serviços. “Apropriar-se da cultura não apenas através das relações identitárias, mas também monetárias faz com que os grupos sociais, que outrora estava à margem da macroeconomia, se ‘empoderem’ de seus próprios destinos como sujeitos de suas trajetórias” (MELLO, 2013, p. 01, grifo do autor).

Nesse contexto, o Brasil apresenta uma imensa riqueza cultural, caracterizada em parte, por um extenso patrimônio cultural. O termo refere-se a um “[...] conjunto de todos os bens materiais ou imateriais, que, pelo seu valor intrínseco, são considerados de interesse e de relevância para a permanência e a identificação da cultura da humanidade, de uma nação, de um grupo étnico ou de um grupo social específico” (VOGT, 2008, p. 14).

A princípio é importante ressaltar, brevemente, que políticas públicas direcionadas a cultura, foram iniciadas, especialmente, no ano 1937 no governo de Getúlio Vargas. Nesse momento, houve a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- SPHAN com o objetivo de produzir uma identidade nacional com base em elementos culturais conhecidos nacionalmente. Porém, os recursos selecionados inicialmente, foram representações de uma parte da população.

Até a primeira metade deste século, praticamente, patrimônio cultural foi sinônimo de obras monumentais, obras de arte consagradas, propriedades de grande luxo, associadas às classes dominantes, pertencentes à sociedade política ou civil. Os prédios merecedores de cuidados especiais e exibidos eram antigos palácios, residência de nobres ou locais onde aconteceram fatos relevantes para a História política de determinado local (BARRETTO, 2003, p. 9-10).

Posteriormente, estudiosos concluíram que o patrimônio cultural brasileiro não poderia se limitar aos grandes monumentos históricos, ou seja, apenas os bens de natureza material, era preciso evidenciar também as manifestações culturais dos demais grupos que compõe a sociedade brasileira. A partir desse momento, SPHAN altera-se para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional -IPHAN ampliando sua autonomia na aplicação de políticas públicas. Assim, os bens imateriais são incluídos ao patrimônio cultural. No que se refere o seu papel de acordo com a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - UNESCO.

Entende-se por patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua História, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2003, p. 4).

Ultimamente surge a relação entre cultura e mercado, a junção propõe-se valorizar e preservar a cultura ao mesmo tempo em que viabiliza a geração de renda. No cenário da EC foi necessário especificar realmente aquilo que poderia fazer parte e ser mensurado na perspectiva da cultura aliado a criatividade. Apontamos, contudo, que embora descontextualizado, sob esta perspectiva “É nesse sentido que, no Governo Dilma Rousseff, é criada a Secretaria da Economia Criativa como nova pasta do Ministério da Cultura” (NERY, 2012, p. 222).

Dessa maneira, a organização foi desenvolvida com a finalidade de “[...] formular e implementar políticas que fomentem a economia criativa no país. Um detido olhar sobre as intenções [...] revela um esforço para desenvolver um projeto próprio de economia criativa [...], equacionando crescimento econômico e inclusão social” (MARCHI, 2014, p. 195). Nesse sentido, o país com sua imensa diversidade cultural pode fazer uso das suas atribuições para promover renda e emprego na área. “O ramo da economia criativa no Brasil proporcionou ao longo do tempo [...] o surgimento de políticas públicas e estudos de instituições diversas para identificar os desafios e problemas e indicar soluções para viabilizar o crescimento desta área” (COSTA; SANTOS, 2011, p. 155).

Contudo, são encontrados alguns desafios para o desenvolvimento do setor criativo. Como afirmam Costa e Santos (2011, p. 156) “A falta de estudos específicos e dados direcionados à economia criativa é uma dificuldade enfrentada para a construção de políticas

públicas e mesmo para a ação de instituições privadas e estratégias empresariais”.

Assim, é possível reiterar que o país ainda é carente em relação as políticas públicas para o fomento da área. Além de tudo, a falta de dados e pesquisas no setor, inviabilizam contribuições para o ramo, bem como incentivos para os envolvidos na área.

Mediante o cenário, o setor criativo da economia brasileira obteve “[...] seu pico em 2015 (2,64%). Já em 2017 o PIB Criativo representava 2,61% de toda a riqueza gerada em território nacional” (FIRJAN, 2019, p. 10). Com isso, podemos perceber que no último ano o setor criativo restringiu sua participação, especialmente em consequência do período de recessão dos últimos anos (FIRJAN, 2019).

Porém, em meio aos desafios existe uma relevante geração de renda formada a partir do setor criativo. Isso revela um ambiente favorável ao fomento e ao implemento de oportunidades criativas.

Mesmo após essa pequena reversão, a área criativa continuou responsável por relevante geração de valor em nossa economia. Em 2017, o PIB Criativo totalizou R\$ 171,5 bilhões – cifra comparável ao valor de mercado da sexta marca mais valiosa do mundo, a Samsung, ou à soma de quatro das maiores instituições financeiras globais (American Express, J. P. Morgan, Axa e Goldman Sachs) (FIRJAN, 2019, p. 10).

Mesmo com o recuo da economia brasileira, houve setores criativos que aumentaram a participação dos profissionais envolvidos. Inicialmente a título de organização a EC encontra-se subdividida em 13 segmentos. Assim, o Brasil possui 837.206 mil profissionais divididos em: Arquitetura (94.801), Artes Cênicas (10.802), Audiovisual (40.884), Biotecnologia (31.012), Design (76.090), Editorial (54.678), Expressões Culturais (28.403), Moda (44.667), Música (11.478), Patrimônio e Artes (14.170), Pesquisa & Desenvolvimento (156.012), Publicidade & Marketing (150.794), TIC (123.415) (FIRJAN, 2019). Em relação as áreas com maior número de profissionais, destacam-se Pesquisa & Desenvolvimento, Publicidade & Marketing, TIC e Arquitetura. Essas profissões se relacionam de alguma forma com o avanço das tecnologias e com a valorização do cliente, enquanto peça fundamental para o desenvolvimento dos negócios.

Numa conjuntura em que o Brasil teve 1,7 milhão de seus postos de trabalho encerrados no período 2015-2017, existem profissões criativas que foram muito buscadas. Todas elas, de uma forma ou de outra, se relacionam ao contexto mundial de transformação digital e valorização da experiência do consumidor (FIRJAN, 2019, p. 04).

Em relação as expressões culturais, tem-se o artesanato como um dos componentes do setor. Com isso, é oportuno enfatizar que o artesanato brasileiro é amplo e diversificado. As regiões brasileiras possuem tipologias de artesanato que muitas das vezes estão de acordo com

as matérias-primas encontradas na região, além disso os hábitos utilizados para a produção, em geral relaciona-se com práticas passadas de geração em geração.

Na região Norte, predomina o artesanato com frutas e sementes, haja vista a abundância de matéria-prima existente. A influência indígena predomina tanto na culinária, como no artesanato utilizado para enfeites, e também faz da cerâmica uma das produções mais presentes. Na região Centro Oeste, o foco está na produção do bordado. Nas regiões Nordeste e Sul há uma cultura múltipla e diversificada; destacam-se o bordado, o artesanato em barro e madeira. Devido às condições naturais dessas regiões, as mesmas possuem matéria-prima abundante. As maiores influências na região Sul é do povo europeu. A renda tem um papel importante nas regiões Norte, Nordeste e Sul, em especial a renda de bilros, trazidas pelos portugueses e colonos açorianos. No Sudeste o bordado é um dos tipos de artesanato mais produzidos (SANTOS E SOUZA, 2016, 131).

Diante disso, o artesanato representa um segmento relevante para a economia brasileira. “A atividade artesanal apresenta-se como fonte de emprego e renda para mais de 8,5 milhões de pessoas no Brasil, e movimenta cerca de 28 bilhões de reais ou 2,8% do Produto Interno Bruto (PIB) do país” (SANTOS; SOUZA, 2016, p. 124).

Nesse contexto, há uma tendência favorável ao incentivo de oportunidades criativas. De todo modo entende-se:

Criatividade é um fenômeno multifacetado e complexo. Inúmeros são os fatores que contribuem e afetam seu desenvolvimento e sua expressão. Alguns desses fatores dizem respeito ao indivíduo, como um elenco de traços de personalidade – iniciativa, persistência, flexibilidade, autoconfiança, independência de pensamento e ação, dentre outros – que aumentam as chances de o indivíduo aproveitar as oportunidades para expressar e desenvolver ideias criativas. Outros fatores dizem respeito ao ambiente de trabalho, como a cultura, e o clima da organização. Também de maior relevância são elementos de ordem histórico-cultural. Estes têm um efeito profundo nas expressões criativas, nas oportunidades oferecidas para o desenvolvimento do talento criativo e, ainda, nas modalidades de expressão criativa reconhecidas e valorizadas (ALENCAR; FLEITH, 2003, p. 95).

3 A PRESENTIFICAÇÃO DO ARTESANATO ALAGOANO

3.1 Caracterização do objeto de estudo

Inicialmente, abordaremos acerca dos principais aspectos da cultura alagoana, como também fragmentos desse processo histórico. Em seguida trataremos brevemente da EC pelo viés do artesanato e suas principais características locais.

O Estado de Alagoas está localizado na região Nordeste do Brasil, composto por 102 municípios e estima-se que a população para este ano de 2020 seja de 3.351.543 pessoas, conforme dados populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE. A região também apresenta uma ampla diversificação de recursos naturais, subdivididos em três biomas³.

O Índice de Desenvolvimento Humano - IDH é 0.631, sendo posto como um valor médio, mas que não pode ser desconsiderado diante do baixo índice de desenvolvimento humano do Estado. “Tal melhoria pode ser atribuída, em parte, aos programas governamentais de transferência de renda, incremento do salário mínimo e de formação profissional para o mercado de trabalho” (BEZERRA *et al.*, 2015, p. 24). Mas a região também apresenta alguns desafios: “Alagoas se caracteriza por ser um Estado pobre com quase metade da sua população total (1.536.053 habitantes) vivendo em pequenas cidades com pouca capacidade de geração de renda e de oferecer boa qualidade de vida para os seus moradores” (FONSECA; ARAUJO; DUARTE, 2018, p. 275).

Já em relação ao processo histórico da economia alagoana, uma parcela expressiva geralmente esteve voltada para atividades agrícolas.

A história da economia de Alagoas esteve sempre ligada às culturas agrícolas e às atividades pecuárias. Ao longo de quatro séculos, o espaço econômico alagoano foi sendo, lentamente, ocupado por diversas formas produtivas agropastoris. Duas dessas atividades se destacaram – cana-de-açúcar e pecuária bovina, principalmente a primeira – e moldaram todas as suas regiões fisiográficas, dando-lhes uma nova paisagem natural e humana, conformando sua agricultura atual (CARVALHO, 2015,

³ A Mata Atlântica é o bioma predominante no território alagoano, presente em uma área de 11,9 mil km² totalizando 42,9% do Estado. Localizada próxima ao litoral, caracteriza-se pela elevada umidade [...]. Apresenta grande diversidade biológica explícita na riqueza de espécies, dentre as quais muitas são endêmicas. O espaço encontra-se antropizado e/ou alterado, representando a região mais desenvolvida do Estado, na qual a maioria da população se concentra. O bioma caatinga ocupa uma área de 9,8 mil km² ou 35,4% do território. Presente no extremo oeste do Estado, possui clima seco, vegetação xerófila, [...]. Referido bioma também já sofreu um grande processo de mudança da sua paisagem original, apresentando áreas em processo de desertificação devido à má utilização e conservação do solo. A faixa intermediária entre a Mata Atlântica e a Caatinga se estende por uma área de 6,1 mil km², ocupando 21,7% do território do Estado. Na divisa com Sergipe essa faixa de transição se aproxima do litoral (BEZERRA *et al.*, 2015, p. 16).

p. 128).

Além disso, outro segmento que vem demonstrando um crescimento considerável na economia é o setor de serviços. Porém, a “expansão do setor de serviços é o reflexo da falta de política industrial, da concentração de terras, do peso do setor de bens de consumo não-duráveis na indústria alagoana e da falta de alternativas de emprego e renda no interior do estado” (LOPES, 2018, p. 19).

Em contrapartida, Alagoas apresenta um significativo setor cultural, sua formação esteve inicialmente, vinculada ao cultivo da cana-de-açúcar.

No caso dos antigos engenhos de Alagoas, o ambiente produzido pelas casas-grandes, senzalas e fábricas, bem como a vasta natureza no entorno das propriedades, proporcionou o surgimento de uma cultura bastante peculiar, que marcou a sociedade alagoana em diversos aspectos e diferentes períodos, chegando sob a forma de referências até os dias atuais [...] (MENESES, MUNIZ, SILVA, 2013, p. 04).

Dessa forma, o ambiente instituído a partir da política e economia da época serviu de base para o surgimento da cultura local. Tendo em vista diversos aspectos que foram e são influenciados pelo contexto do sócio-histórico de um Brasil ainda colonizado.

A partir da casa-grande têm-se os bordados que foram trazidos pelas portuguesas, as vestimentas das sinhás, a culinária farta, rica em compotas de caju, goiaba, jaca, etc. A religiosidade, sobretudo a fé católica, representada pelas inúmeras capelas, também foi símbolo das manifestações culturais do engenho. A partir da senzala foram difundidas manifestações africanas que se misturaram à cultura portuguesa colonizadora de tal forma que se tornaram, posteriormente, parte inerente da população alagoana. [...] A dinâmica desenvolvida no engenho alagoano proporcionou ainda a difusão de muitas outras manifestações culturais, tais como a poesia popular, o conto de lendas e superstições, o uso da medicina natural, as festas tradicionais, entre outras. Os engenhos chegaram a inspirar muitos artistas e escritores alagoanos que buscaram em seus espaços inspiração para pinturas, músicas poesias e prosas [...] (MENESES, MUNIZ, SILVA, 2013, p.10).

Partindo desse pressuposto, atualmente o estado abrange diversas manifestações culturais, que apresentam “[...] um potencial ambiental e cultural reconhecido mundialmente” (FONSECA; ARAUJO; DUARTE, 2018, p. 270). As identidades culturais presentes na região alagoana apresentam-se formas e características diversas. Sendo assim, o estado dispõe de recursos que são formas alternativas para a promoção de desenvolvimento. Como exemplo temos:

O patrimônio cultural imaterial de Alagoas, revelado pelos registros de inúmeras manifestações de saberes, celebrações, formas de expressão, lugares e edificações, apresenta significância não só para preservação da memória e da identidade cultural do estado, bem como constitui uma coleção de recursos inéditos capazes de construir vias alternativas de desenvolvimento (ANTUNES, SILVA, BRITO, 2018, p.63).

No âmbito do setor criativo o estado contempla diversas áreas que aos poucos buscam

espaço na economia alagoana. Segundo FIRJAN (2019), em 2017, Alagoas apresentava 3.846 profissionais incluídos nos variados setores da EC. Os profissionais estão subdivididos em: Arquitetura (656), Artes Cênicas (107), Audiovisual (363), Biotecnologia (258), Design (285), Editorial (437), Expressões Culturais (217), Moda (72), Música (62), Patrimônio e Artes (118), Pesquisa & Desenvolvimento (464), Publicidade & Marketing (419) e TIC (388). Tendo em vista aspectos formais o estado encontra-se entre aqueles que apresentam menor representatividade quanto ao número de empregadas no setor criativo. Mas levando em consideração casos de informalidade é possível que o número de integrantes seja superior aos dados apresentados.

Ainda segundo FIRJAN (2019) a remuneração média mensal desses profissionais é mais elevada em alguns setores, bem como Arquitetura, Editorial e Pesquisa & Desenvolvimento, com respectivos rendimentos de 7.972, 3.330 e 9.982 reais. Enquanto outras categorias apresentam remunerações menos expressivas, tal como Artes Cênicas, Moda e Expressões Culturais, com rendimentos proporcionais a 1.101, 1.208 e 1.641 reais.

Em termos de artesanato o estado possui uma ampla diversificação. Nesse contexto, o produto cultural está localizado em várias localidades. Diante disso, as peças produzidas recebem uma considerável influência local.

São objetos utilitários e rituais em **cerâmica** baseados em fontes culturais indígenas; são **cestarias** em piripiri, ouricuri e cipó⁴ também de influência indígena cuja matéria prima é abundante nas margens dos rios e lagoas presentes no litoral alagoano; são objetos utilitários e figurativos em **madeira** trabalhados por artesãos habilidosos embebidos na resistência da criatividade popular; são vários produtos em **couro** que introduzido com o ciclo do gado, no Brasil colonial, são realizados por cada vez mais raros mestres seleiros, sapateiros e chapeleiros; são objetos em **metal** que apesar da sua industrialização ainda hoje são produzidos e vendidos também nas feiras e pequenos estabelecimentos do interior de Alagoas; são instrumentos musicais e objetos produzidos com o **coco** e a **cabaça**; são redes, mantas e tapetes, **tecelagem** de influência indígena que apesar da redução do número de artesãos, devido principalmente ao desaparecimento da cultura de algodão, ainda se consegue achar trabalhos feitos em velhos teares com técnicas antigas; são também variados objetos da arte popular em **materiais diversos** e finalmente **a renda e o bordado** como expressão feminina; onde as mestres bordadeiras alagoanas se destacam (FONSECA, ARAUJO, DUARTE, 2018, p. 276).

Vale ressaltar que Alagoas apresenta um acentuado número de artesãos formalizados. Conforme aponta o Programa do Artesanato Brasileiro - PAB a região possui atualmente 15.204 artesãos cadastrados, ocupando a segunda posição no Ranking entre as demais unidades federativas. Em relação às contribuições para o fortalecimento do artesanato no Estado são identificadas algumas iniciativas que cooperam para a divulgação e desenvolvimento da área,

⁴ “Fibras vegetais usadas para confecção de artesanato” (FONSECA, ARAUJO, DUARTE, 2018, p. 276).

bem como o ‘Programa Alagoas feita à mão’ que propiciam algumas ações para o fomento da produção artesanal.

Dentre as ações realizadas estão a publicação de edital para seleção na participação em feiras e eventos nacionais; elaboração e distribuição do catálogo comercial do artesanato alagoano e emissão e renovação da carteira do profissional. Além disso, a Sedetur realiza um trabalho de mapeamento e identificação das oficinas dos artesãos, instalando placas que identificam onde existe produção artesanal, facilitando a busca pelos artistas (ALVES, 2017, P. 01).

Em meio à crise sanitária atual, o programa desenvolveu uma plataforma digital que possibilita a inserção de diversos artistas que após o cadastro podem comercializar suas peças. “[...] a plataforma funciona como um marketplace⁵, aproximando o comprador do mestre, artista popular ou artesão que comercializa sua peça. Toda a negociação, desde a compra até a entrega, será feita através desse contato direto” (CARDOSO, 2020, p. 01). Uma ferramenta idealizada pela criatividade para gerar renda e minimizar impactos aos setores da economia.

No contexto histórico e sociocultural, a diversidade criativa do Estado apresenta oportunidades para a geração de emprego e renda. Além disso, favorece a diversificação da economia local, estimulando ainda uma valorização dos recursos culturais. Assim sendo, o grupo Estação Cangaço ilustra um dos potenciais da EC em meio às riquezas da cultura alagoana.

No tocante ao trabalho artesanal, não pretendemos historicizá-lo, mas é preciso ressignificar o reconhecimento dessa matéria prima e esse fazer criativo e popular que é peculiar na região do estudo. Sem especulação cronológica, mas sob o ponto de vista histórico. “O couro, por exemplo, começa a ser trabalhado a partir do ciclo do gado, que foi iniciado como economia suplementar do açúcar, na região do Rio São Francisco e no Sertão” (TENÓRIO, 2014, p. 21). Embora os tempos sejam outros. O couro é um insumo que continua presente nas indumentárias, instrumentos e artefatos da população sertaneja. A variedade desse produto é quase imprescindível nas feiras livres do Sertão alagoano.

Mas o que torna mais instigante esta breve passagem historiográfica, deve-se estender a inovação trazida com a utilização do couro de outras espécies de animais, como o couro da tilápia. Esta tendência tem um fator importante a ser mencionada, a minimização dos impactos ambientais causados pelo descarte indevido ao meio ambiente. Apesar de compreendermos que por fruto de um manejo inadequado dessa espécie introduzida acidentalmente ao ambiente do rio alterou o aquífero, conseqüentemente, a perda da biodiversidade. Do ponto de vista socioambiental e ecológico o impacto foi incomensurável.

⁵ Estrutura virtual de negócios, que permite a compra e venda de mercadorias.

4 SUJEITOS DA PESQUISA: PERCURSOS METODOLÓGICOS CRIATIVOS

Nesta seção, discorreremos sobre a metodologia da pesquisa, ademais os fundamentos para o desenvolvimento do estudo. Além disso, apontamos algumas características do município de Piranhas, bem como o perfil dos artesãos participantes do estudo. Em relação às citações feitas através das falas dos artesãos, destacam-se por uma questão ética que os respectivos nomes são fictícios situados apenas para diferenciar as narrativas de cada artesão.

De início o estudo surgiu a partir do interesse em demonstrar possibilidades econômicas no ramo da criatividade, bem como, a utilização do potencial criativo para promover renda e valorizar as culturas locais. O foco no artesanato surgiu por ser umas das áreas da EC mais próxima ao nosso convívio. Dessa forma, a pesquisa nesta área inicia-se a partir de artigos elaborados no ambiente acadêmico. Nesse período, os estudos desenvolvidos relataram a experiência do grupo Anny Artesanato, cujas peças são confeccionadas a partir da palha de uma espécie de palmeira nativa da região. Logo depois, os artigos produzidos foram apresentados em congressos e publicados em capítulo de livro e revista. Neste contexto, o grupo Estação cangaço é um relato de experiência que nos debruçamos para compreender o ramo da criatividade.

O método utilizado nesta pesquisa é o hipotético-dedutivo, que tem por objetivo averiguar a hipótese preliminar e posteriormente sanar algumas considerações a respeito da mesma. De acordo com Aragão e Neta (2017, p. 34) “O seu uso permite identificar os erros da hipótese para posterior correção. Ela não imuniza a hipótese contra a rejeição, mas, ao contrário, oferece todas as condições para, se não for correta, que seja refutada”.

Neste sentido, a pesquisa também se fundamenta no estudo de caso. Pois é estudado um caso específico para verificar na prática as temáticas abordadas. Assim, o estudo de caso “permite mediante caso isolado ou de pequenos grupos, entender determinados fatos. Partindo do princípio de que qualquer caso que se estude em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou até de todos os casos semelhantes” (ARAGÃO; NETA, 2017, p. 34).

Para o embasamento teórico, foi fundamental um aprofundamento e desenvolvimento da etapa através de pesquisas em periódicos, teses, monografias, artigos, revistas, livros e sites oficiais. Vale destacar o arcabouço de autores que discutem questões referentes às principais características da EC e do processo de desenvolvimento local.

De início é necessário contextualizar a EC e as contribuições para a geração de renda. Assim como tratam Reis e Deheinzeln, (2008) e Newbiggin (2010), para dar sentido, como o

estudo em questão abrange apenas uma área da economia criativa (artesanato), se faz necessário discutir a relação entre ambas às áreas, e para isso é utilizado autores como: Santos (2013), Machado (2012) e os documentos oficiais produzidos no âmbito da UNCTAD (2010). Logo em seguida, serão abordados alguns autores que desenvolvem estudos na área do desenvolvimento local, com a possibilidade da conciliação da perspectiva econômica, social e ambiental, casos de Buarque (2008) e Dias (2010).

Como visto anteriormente a pesquisa aborda o grupo de artesãos localizados no município de Piranhas. Assim, através da realização da pesquisa de campo, com ocorrência em 21 de fevereiro e 12 de março de 2020, foi possível presenciar aspectos da EC e por consequência sua influência para o desenvolvimento local. Na primeira visita conversei com a maioria dos artesãos, as entrevistas ocorreram na sede da associação localizada em Piranhas Nova, cada artesão foi entrevistado enquanto elaborava ou lapidavam peças em desenvolvimento. Já na segunda visita dialoguei com a artesã que é responsável pelas vendas no centro de artesanato, esse localizado em Piranhas Antiga.

É importante frisar que recentemente conversamos com a presidente da associação, o diálogo ocorreu pelo aplicativo *WhatsApp*. Tendo em vista, o interesse em atualizar possíveis alterações no grupo e mudanças decorrentes do contexto atual. Numa conversa amistosa, em nove de outubro de 2020, a artesã relatou as mudanças negativas decorrentes da crise pandêmica do novo corona vírus.

Metodologicamente, as técnicas utilizadas para a coleta de dados no transcorrer da pesquisa foram gravações em áudios, diário de campo, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas. A caracterização dos mesmos será apresentada por variáveis categóricas associadas ao desenvolvimento e a EC, por fim os resultados estão organizados em figuras, informes e fotos das peças do artesanato. Assim, para desenvolver tal pesquisa foi fundamental a disponibilidade do grupo, com a visita de campo com os oito artesões, até então, envolvidos na produção artesanal. No momento da análise de dados, a organização encontra-se estruturada a partir de uma abordagem sob o viés qualitativo e num segundo momento quantitativo, no qual é realizada análise descritiva simples, a partir de porcentagem.

O município que deu origem ao grupo de artesanato localiza-se no interior de Alagoas. A região é denominada Piranhas, em razão de narrativas de uma história que se passa nas proximidades de um riacho.

A localidade era, então, conhecida como Tapera. Conta-se que em um riacho que é hoje chamado das Piranhas, um caboclo pescou uma grande piranha. Preparou e salgou o peixe, levando-a para sua residência. Lá chegando, verificou que se

esquecera do cutelo⁶. E, voltando-se para o filho, disse: - “Vá ao porto da piranha e traga o meu cutelo”. Esta versão foi passando de geração em geração e, segundo parece, ficou o lugar denominado “Piranhas”. E como Tapera, com o decorrer do tempo, longe de escombros e prédios espalhados, passou a ser uma povoação organizada, o nome das Piranhas foi-se estendendo desde o riacho até a povoação (IBGE, 2017, p. 01).

Assim, pode-se concluir que a denominação atribuída pelo pescador, foi naturalizada, adaptada e repassada de geração em geração.

A região de Piranhas obteve um relevante crescimento na economia a partir da criação da estrada de ferro e da utilização da navegação a vapor. Com isso, houvera uma interação entre o comércio interno e o externo, o que favoreceu a circulação de pessoas e mercadorias. Nesse sentido, na época a cidade concentrava um expressivo centro de comercialização.

O porto de Piranhas permitiu o desenvolvimento regional, sendo o último ponto navegável da Região do Baixo São Francisco, a partir deste ponto o rio apresentava um curso perigosíssimo, impossibilitando a navegação à diante. Por esse motivo, Piranhas tornou-se ponto de parada obrigatória para os que vinham dos sertões nordestinos de Pernambuco, Bahia e de outras regiões pelo rio São Francisco, ganhando deste modo a condição de estância ou entreposto comercial (VENTURA, 2019, p. 33).

Nesse contexto, quando a ferrovia foi desativada a região atravessou um declínio na economia local, algo que se estendeu por alguns anos. “Do mesmo modo que Piranha obteve uma prosperidade econômica com o funcionamento da ferrovia, com a desativação da mesma em 1964, a cidade entra em uma falência total, em consequência da decadência do comércio, a sociedade passa a viver grandes dificuldades” (SOARES, 2019, p. 30).

Como o comércio era baseado, em especial, no desempenho que a ferrovia exercia na localidade, com o fim da mesma, essa interação que existia entre o interno e o externo foi fragmentada, inviabilizando setores de comercialização. Além disso, segundo Ventura (2019, p. 37) “no começo dos anos 1960 teve fim à navegação a vapor em Penedo”, essa era interligada com à navegação em Piranhas, algo que também colaborou para desarticulação do comércio.

Nesse cenário, a cidade de Piranhas desenvolveu-se consideravelmente a partir da construção da Hidroelétrica de Xingó. Através de sua implantação houve uma relevante geração de empregos, bem como edificações criadas para comportar o intenso fluxo de pessoas.

Evidentemente Xingó passou a ser o maior empreendimento já construído no Nordeste brasileiro, trazendo geração de empregos e o desenvolvimento das cidades que crescem ao redor de seu território, além gerar cerca de 9% da energia consumida em todo o país, sendo desta forma considerada o marco da década de 90 para a

⁶ Utensílio cortante.

geração elétrica brasileira (VENTURA, 2019, p. 43).

Além disso, segundo dados do IBGE, a região encontra-se no bioma caatinga, sua população estimada para 2020 é de 25.183 pessoas. A cidade também é reconhecida por suas belezas naturais, bem como pontos culturais conhecidos nacionalmente. Assim, “Piranhas é um dos poucos municípios brasileiros tombado como patrimônio histórico nacional” (VENTURA, 2019, p. 22). Esse atributo influenciou o local sobre várias formas, como exemplo temos a preservação da história e riquezas culturais e a consolidação do setor do turismo.

Sendo assim, o turismo agrega uma importante parcela na economia local, a região apresenta inúmeras atividades turísticas. Ademais, reúne uma diversificação de recursos culturais o que propicia o desenvolvimento da área.

A cidade de Piranhas vem se destacando ao longo dos anos como destino turismo sua localização privilegiada entre altos morros, possuindo um conjunto arquitetônico de grande beleza, com uma quantidade significativa de pequenas residências bem coloridas e conservadas, o que explica o motivo pelo qual a pequena cidade já ter sido cenário para diversos novelas e filmes (VENTURA, 2019, p. 53).

Tendo em vista, condições naturais e arquitetônicas, a cidade foi cenário para produções culturais. “O admirável cenário foi palco perfeito para os filmes *Bye, Bye, Brasil* (1979), de Cacá Diegues, e *Baile Perfumado* (1997), de Lírio Ferreira e Paulo Caldas” (SOARES, 2019, p. 31). Além dessas produções, em Piranhas também houve gravações de novelas, como a novela do *Velho Chico* (2016).

Na atualidade, a região também apresenta uma diversificada produção de artesanato. Como exemplo, temos o grupo *Estação Cangaço*, o qual é objeto do nosso estudo:

A Associação dos Artesãos em Couro da Tilápia, localizada na cidade de Piranhas, realiza seu artesanato a partir do couro de bode e tilápia, que antes eram descartados. Hoje esse material é reaproveitado e colocado no circuito produtivo através da produção de bolsas, cintos, calçados, carteiras, acessórios para a mulher e porta-moedas. O processo não leva produtos química e se transforma numa técnica autossustentável (MILANI, GRADE, 2018, p.159).

Assim, a associação de artesanato possui atualmente oito sócios, sete mulheres e um homem. Outro fator importante que nos faz pensar sobre a quebra de paradigmas e padrões sociais é o empoderamento feminino do grupo. No tocante as expectativas com relação ao papel sexual dos indivíduos participantes:

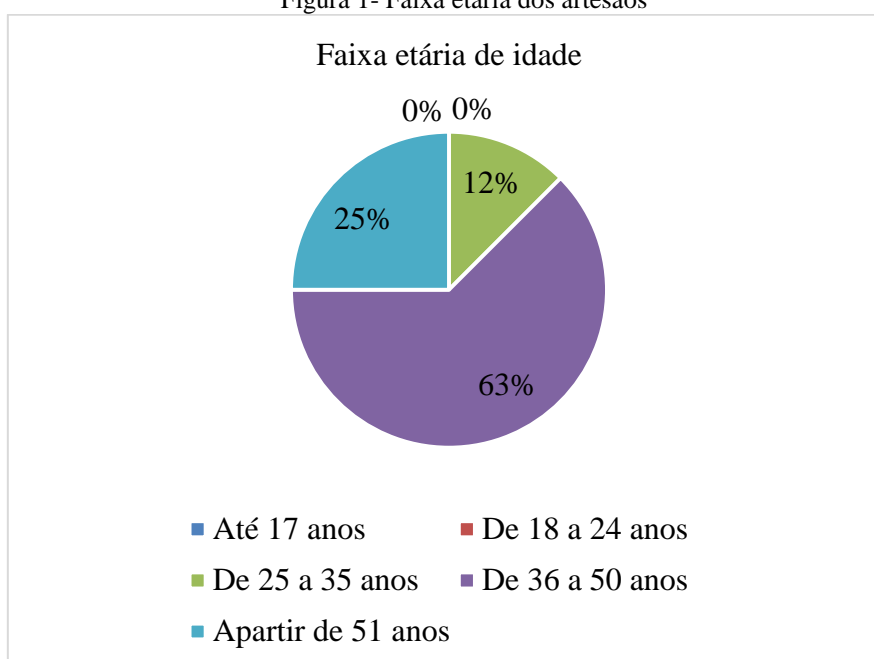
Cada sociedade tem expectativas diversas com relação a indivíduos dos sexos masculino e feminino, reforçando determinados comportamentos e punindo outros, conforme o gênero. Em nossa sociedade, tende-se a esperar menos das mulheres do que dos homens quando o assunto gira em torno de grandes contribuições, novos produtos, novas descobertas e inovações. As mulheres são ainda socializadas no sentido de serem dóceis e mais submissas, ao passo que os homens são socializados no sentido de serem produtivos, terem mais iniciativa e coragem e independência

(ALENCAR; FLEITH, 2003, p. 104).

Atualmente, o perfil predominante dos artesãos consiste em indivíduos mais experientes do ponto de vista etário. Conforme se pode observar abaixo na **figura 1**, 63% (5 artesãos) dos sócios têm entre 36 a 50 anos de idade, enquanto que 12% (1 artesão) tem entre 25 a 35 anos e a outra parcela de 25% (2 artesãos) tem mais de 51 anos.

No tocante a questão de gênero, é relevante salientar que a maioria dos associados são mulheres aguerridas, ativas na produção artesanal, com essa atividade manual vislumbra melhorar suas condições de vida e complementar a renda familiar insuficiente.

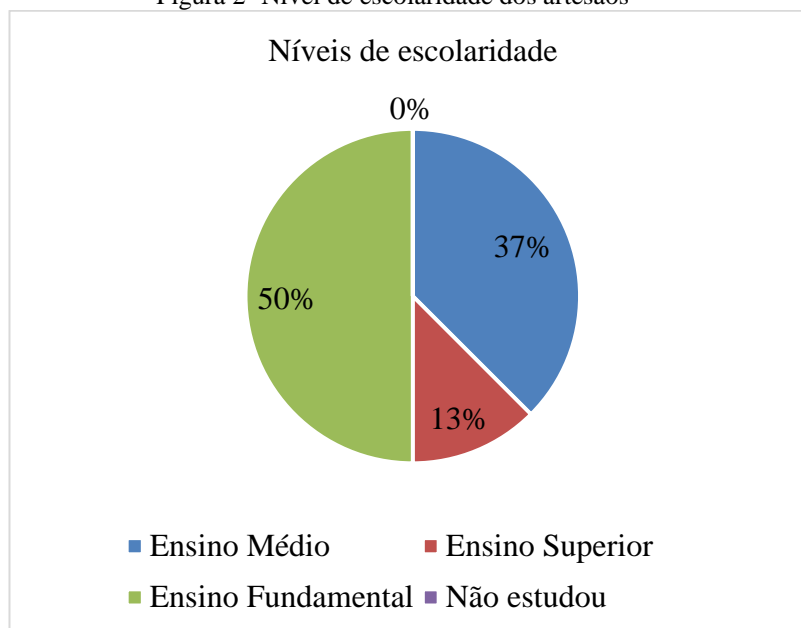
Figura 1- Faixa etária dos artesãos



Fonte: elaborado pela autora, 2020.

Já em relação ao nível de escolaridade do grupo, tal variável será ilustrada na **figura 2**, onde se pode observar que 50% (4 artesãos) possuem o Ensino Fundamental, enquanto que 37% (3 artesãos) Ensino Médio e apenas 13% (1 artesão) possui o Ensino Superior. Nesse contexto, todo o grupo é alfabetizado, mas podemos aferir que na maioria dos casos relatados, o nível de escolaridade influenciou o início da produção artesanal, assim como a falta de oportunidade de vagas de empregos na região sertaneja. De alguma maneira, a opção pela associação é um porto seguro de trocas de experiências, memórias e socialização.

Figura 2- Nível de escolaridade dos artesãos



Fonte: elaborado pela autora, 2020.

Por fim, a comercialização das peças de artesanato está vinculada ao mercado local, sendo comercializada em especial no centro de artesanato, na sede da associação e em uma cooperativa de mel, localizada nas proximidades de Piranhas. Atualmente, o grupo está estudando a possibilidade de expandir essa comercialização para outros lugares.

O grande diferencial da economia criativa é que ela promove desenvolvimento sustentável e humano e não mero crescimento econômico. Quando trabalhamos com criatividade e cultura, atuamos simultaneamente em quatro dimensões: econômica (em geral, a única percebida), social, simbólica e ambiental (MACHADO, 2012, p. 94, grifo do autor).

Em meio ao contexto atual os pontos de comercialização encontram-se inalterados. Assim como relata Maria, uma das integrantes do grupo:

Continuamos os mesmos lugares até porque entrou essa pandemia e não tivemos como, até porque as coisas estavam fechadas todos os locais que poderia nos dá essa oportunidade.

5 A INOVAÇÃO DO COMÉRCIO CRIATIVO COMO CONDICIONANTE PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL

Partindo do princípio da política da narratividade, a seção a seguir, contextualiza a perspectiva do desenvolvimento local se debruçando na categoria da EC pelo viés do artesanato. Além disso, descrevemos as demais características da associação de artesanato, assim as informações apresentadas discorrem através das contribuições e narrativas dos artesãos.

Inicialmente o crescimento econômico era sinônimo de desenvolvimento, mas ao decorrer dos anos averiguaram que crescer economicamente não significa melhorar os problemas sociais existentes. Por isso, na atualidade existe a distinção entre ambos os conceitos. Dessa forma o desenvolvimento não prioriza apenas o crescimento da economia, mas também leva em consideração o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas.

Para os cientistas da atualidade não cabe mais a discussão do desenvolvimento baseado somente no crescimento do PIB – Produto Interno Bruto tem-se que levar em consideração outros fatores que por vezes vão além do econômico. A qualidade de vida, a educação, a possibilidade de viver sem privações dos recursos que são fundamentais, as oportunidades que são dadas, o direito a um trabalho digno, etc. são colocados como elementos para o entendimento do desenvolvimento (DIAS, 2010, p. 48).

Nesse sentido, o Estado tem a importante função de minimizar possíveis privações. “O Estado deveria ser mais presente no combate às privações tais como desemprego, analfabetismo, fomes coletivas, pobreza” (DIAS, 2010, p. 50). Em contrapartida quando minimizadas as privações, as pessoas terão um ambiente propício ao envolvimento destas na formação do seu próprio destino.

Nessa perspectiva, as pessoas têm de ser vistas como ativamente envolvidas – dada a oportunidade – na conformação de seu próprio destino, e não apenas como beneficiárias passivas dos frutos de engenhosos programas de desenvolvimento. O Estado e a sociedade têm papéis amplos no fortalecimento e na proteção das capacidades humanas. São papéis de sustentação, e não de entrega sob encomenda (SEN, 2000, p.71).

A partir dessa perspectiva, é possível pensar no desenvolvimento local, que a princípio “[...] pode ser conceituado como um processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo econômico e à melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos” (BUARQUE, 2008, p.25). Assim, o processo prioriza as potencialidades locais, pois leva em consideração, os recursos existentes na localidade. Além do mais o desenvolvimento visa conservar as particularidades locais.

[...] buscar identificar as potencialidades existentes nessas localidades [...], sem com isso mudar ou perder as suas características próprias, conservando os recursos naturais, culturais e históricos, o que pode ser, ainda, mais um fator que contribui indiretamente para o crescimento e desenvolvimento local (OLIVEIRA; SILVA;

LOVATO, 2014, p. 113).

Nesse contexto, a região deve priorizar a riqueza local, fazendo uso das potencialidades locais para promover produtos ou serviços, viáveis e competitivos para concorrer nos mercados locais, regionais e outros (BUARQUE, 2008). Partindo desse pressuposto é importante que o processo de desenvolvimento não se torne dependente das externas transferências de rendas, além disto, é relevante que ocorra organização na sociedade, bem como uma maior eficiência no processo produtivo e uma articulada e eficiente gestão pública local.

O desenvolvimento local sustentável resulta, dessa forma, da interação e sinergia entre a qualidade de vida da população local- redução da pobreza, geração de riqueza e distribuição de ativos –, a eficiência econômica – com agregação de valor na cadeia produtiva – e a gestão pública eficiente [...] (BUARQUE, 2008, p. 27).

Além disso, é fundamental que o processo de desenvolvimento local, envolva a conservação dos recursos naturais, visto que a partir desses tem-se o suporte para potencializar as riquezas locais e propiciar uma melhor qualidade de vida para a população (BUARQUE, 2008). Nesse contexto, vale destacar que o “ [...] consumo intenso, atualmente leva a sociedade a acordar para a questão da degradação ambiental. Para isso, ela através de legislações incentivadoras, vem buscando meios alternativos de desenvolvimento, para minimizar índices de poluição” (REIS, 2018, p. 02). Assim, a perspectiva do desenvolvimento local representa uma das alternativas para diminuição dos desafios da atualidade.

[...] todos os esforços recentes de desenvolvimento têm incorporado, de alguma forma, os postulados de sustentabilidade, procurando assegurar a permanência e a continuidade, a médio e longo prazos, dos avanços e melhorias na qualidade de vida, na organização econômica e na conservação do meio ambiente (BUARQUE, 2008, p. 15).

Entretanto, é relevante compreender que “Toda e qualquer atividade humana leva à produção de resíduos” (BETTIOL E CAMARGO, 2006, p. 181). Dessa forma, toda ação humana promove em algum grau, um certo impacto ao meio ambiente. Porém, ao conciliar o desenvolvimento local com a perspectiva sustentável, o processo busca ofertar produtos ou serviços, elaborados com atenção e reponsabilidade, propondo um menor impacto ao meio ambiente.

Além disso, o desenvolvimento no âmbito local favorece o indivíduo e suas habilidades, pois os atores locais que convivem na localidade, reconhecem as características locais, como também as potencialidades e vulnerabilidades. A partir dessa perspectiva podem dentro de um processo organizado e articulado proporcionar vias para alcançar um

desenvolvimento local sustentável.

Em termos de artesanato pode-se afirmar que o aproveitamento de símbolos ou questões culturais, expressas dentro de uma comunidade, proporciona movimentos que possibilitam a geração de renda. Conforme apontam Val *et al.* (2014, p. 4), “a teoria é aplicada sobre a visão de aproveitar a cultura do território como fonte geradora de renda, fazendo com que a haja motivação dentro da comunidade melhorando os negócios e condições de trabalho”.

Além disso, o modo de produção artesanal caracteriza-se em parte, pelo conhecimento e experiências adquiridas na comunidade. “O artesanato representa, então, uma manifestação da vida comunitária [...]. Tendo em vista a relação que é estabelecida entre o cotidiano e a comunidade, pode-se afirmar que os conceitos de artesanato e tradição caminham juntos” (OLIVEIRA, 2017, p. 53).

Nesse contexto, “o conceito de economia criativa pode permitir, por exemplo, a elaboração de políticas de apoio a atividades com forte vínculo local, como o artesanato” (CASTRO, 2018, p. 105). Porém, um dos maiores desafios para promover o segmento é a falta de políticas públicas ou parcerias público-privadas que direcione os atores da sociedade local.

Um bom governo é adequado. Governos são melhores quando levam em conta as fontes locais, incluindo fontes sociais e culturais, e trabalham com as forças já ativas, em vez de organizarem e imporem atividades inteiramente novas. Começar uma atividade completamente nova, fundar um setor que não encontra raízes na região, tais intervenções governamentais estão à beira do fracasso (VALIATI E MOLLER, 2016, p. 14).

Com base nesse panorama, a partir desse momento, descreveremos a experiência do grupo Estação Cangaço. A princípio é importante enfatizar que o grupo de artesanato envolve atores locais que através dos aspectos regionais se encontram em um processo de desenvolvimento local.

Dessa forma, o grupo de artesanato começou em 2007, através de um curso de artesanato com o couro da tilápia. O curso foi oferecido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, em parceria com a prefeitura municipal de Piranhas.

O curso possibilitou a geração de renda através de uma matéria-prima, antes não utilizada. Como ressalta Maria:

[...] até então a agente não imaginava que o couro da tilápia daria pra fazer alguma coisa a não ser comer.

Nesse contexto, os participantes do curso aprenderam a fazer esse tipo de artesanato e logo após o piscicultor que fazia parte da piscicultura da região, que trabalhava pelo SEBRAE fez o convite para formar uma associação, seu registro se deu em dezembro de 2007, intitulada Associação dos Artesãos em Couro de Tilápia- AACT. Depois de formada, a associação na época era composta por 20 pessoas, algumas já tinham habilidades com costuras, o que facilitou o processo de produção. Entretanto, houve algumas dificuldades que foram empecilhos para a continuação no grupo. Assim como relata Maria:

Trabalhar com artesanato não é muito fácil, não tem o lucro que as pessoas esperam, não tem salário, aí já começa há dificultar um pouco e teve algumas que adoeceram, já eram pessoas mais de idade e tiveram alguns problemas de saúde, tiveram que se afastar outros por já ter outra atividade fora.

Nesse contexto, depois de formada a associação, o SEBRAE continuou oferecendo cursos, bem como auxiliando no desenvolvimento da associação. As artesãs foram capacitadas em vários aspectos, assim como na produção de bolsas e carteiras. Conforme, menciona Maria:

O SEBRAE deu várias assessorias de saber empreender, juntos somos fortes, cooperativismos, associativismo, curso de design pra que a gente pudesse melhorar o nosso trabalho.

Os cursos foram de suma importância para a formação do grupo, como também aumentou conhecimentos para a produção. Como, o curso de design que possibilitou a elaboração da marca “Estação Cangaço” e propiciou a junção de elementos da região as peças de artesanato. Assim como descreve Maria:

Quando a gente teve o curso de design a gente foi desenvolver algumas peças que pudessem trazer características da nossa região, como a flor de mandacaru, cabeça de frade, cactos, coisas da região, da caatinga; como o cangaço que é muito forte; inspirações como o chapéu de lampião.

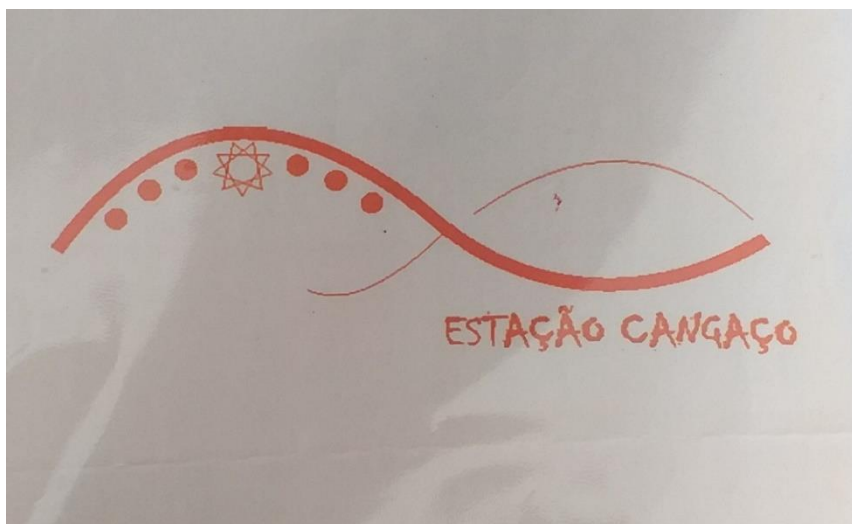
Ainda em relação à marca, o nome estação cangaço foi escolhido com base em características da região. O nome “estação” foi selecionado porque na cidade tinha uma estação ferroviária e “cangaço” em homenagem a história do cangaço que é forte na região.

Essa estratégia de marketing de produtos associados ao Cangaço é observada não apenas no Sertão, mas atinge áreas do litoral e os centros de artesanato localizados em Penedo, Piaçabuçu e na Foz propriamente dita, onde encontra-se diversos tipos

de artesanato que remetem a esse fenômeno (GRAMACHO, SÁ E SOUZA, 2017, p .120).

Desse modo, a logomarca contempla a junção de duas características locais. Também é importante salientar que o slogan tem o formato de um peixe, que relembra uma das matérias-primas essenciais para a produção, o couro da tilápia.

Figura 3- Slogan da associação de artesanato



Fonte: Autoria própria, 2020.

Os artesãos se apropriaram dos aspectos locais para desenvolver peças que remetem as principais características da região. Ademais o processo preserva a cultura local e possibilita gerar renda e emprego a partir das peças confeccionadas.

Em relação à produção das peças, os artesãos de início transformam a pele da tilápia, comprada *in natura* nos mercados da região, o couro deve estar apropriado para a implementação nas peças. Quando *in natura* a pele é congelada para conservar sua qualidade, posteriormente, as peças são limpas individualmente, bem como colocada em água para colaboração do processo.

Em seguida, o couro é submetido a um processo de curtimento que dura entre 15 a 20 dias, o couro é colocado em uma mistura de água e casca do angico-vermelho, a árvore é nativa do Sertão alagoano, quanto mais tempo à matéria ficar nesse processo, mais qualidade a mesma tende a adquirir. Logo após, é realizado o engraxe das peças com olho vegetal, depois as unidades são colocadas a sombra, para secar naturalmente, quando secas é necessário esticar o couro para finalizar o processo. Abaixo, na **figura 4**, temos o produto final do beneficiamento, o couro da tilápia, pronto para ser utilizado nas peças de artesanato.

Figura 4- Couro da Tilápia



Fonte: Arquivo do grupo Estação Cangaço, 2020.

Vale ressaltar que a maior parte do trabalho é realizada manualmente, considerando-se etapas e períodos essenciais para a qualidade do couro. Além disso, na elaboração das peças o corte, a costura e outros processos são realizados a mão, utilizado apenas alguns instrumentos para auxiliar nas etapas, bem como tesouras, cola de sapateiro, máquina de costura, linha apropriada para a costura do couro.

Nesse contexto, para complementar algumas das peças, são utilizadas outras matérias-primas, para além do couro da tilápia, assim como o papelão, pano para revestir a peça, zíper, couro de bode e de porco. Os produtos são comprados na região, o que de certa forma contribui para a economia local.

Os atuais associados não estão desde o início, mais com o tempo logo se tornaram sócios. É importante salientar que alguns dos sócios também foram capacitados com cursos pelo SEBRAE, já outros que ainda não eram associados na época, ao fazer parte da associação foram capacitados pelos próprios artesãos. Ainda assim, de todos os artesãos, apenas uma artesã não trabalha diretamente com a produção de artesanato, pois fica encarregada de vender em um dos pontos de comercialização, o centro de artesanato localizado na própria cidade.

Anteriormente o grupo pagava uma funcionária, para vender as peças no centro de artesanato. Entretanto, a pessoa não possuía conhecimento suficiente em relação ao processo de produção. Em consequência, a mesma quando questionada a respeito das peças, não preenchia os anseios do consumidor, por exemplo, não explicava como era realizada as peças e quais as matérias primas utilizadas nesse processo. Com isso, houve uma redução das

vendas, que logo se recuperou devido à alteração realizada, o fato ocorreu porque segundo Joana:

Hoje o pessoal só compra mais porque você explica de que é, porque o turista que saber a origem.

Nesse sentido, através do turismo tem-se uma maior valorização dos elementos culturais, bem como das peças de artesanato produzidas pelos artesãos.

O Artesanato também pode ser expresso como identidade cultural de uma localidade, a demanda por produtos que possui regionalidade e características próprias, passa a ter valorização simbólica por visitantes e estrangeiros, pois os mesmo veem nesse trabalho uma forma de contar a história e cultura da região (MARQUES, 2015, p.11).

Ainda em relação ao turismo é importante destacar que através do turista os artesãos conseguem vender a maioria de suas peças. Conforme ressalta Maria:

A importância do turismo é fundamental pois é através do turista que conseguimos vender nossos produtos.

Em contrapartida, o artesanato tem potencial para tornar-se um produto turístico, ou seja, um dos atrativos para o turismo local. Podendo de certa forma influenciar o retorno dos visitantes, em busca da aquisição das peças elaboradas pelo grupo.

Este novo turista demanda o resultado final, mas também e as múltiplas narrações e interpretações que permeiam a produção. Não se trata mais de consumo de um produto em si, mas também do cenário e o do contexto de sua produção da experiência, da sensação e da vivência despertada. O objeto em si, descontextualizado, não se dota de valor. O que passa a agregar valores ao produto artesanal é a cultura local de seus produtores, a garantia da origem, a representação de um processo produtivo muitas vezes milenar (RAMOS, 2013, p.52-53).

Já em relação a produção, os artesãos elaboram variadas peças de artesanato. As peças mais vendidas são colares, bolsas, show peixe e peças pequenas (brinco, pulseiras, porta cartão). Os valores das peças são diversificados, assim quanto mais elaborada a peça, mais valor é agregado a essa.

Na **figura 5**, temos uma das peças produzidas pelos artesãos, a sandália Show peixe tem a denominação adaptada, devido à inserção do couro da tilápia na peça. Os preços alteram-se conforme o modelo e o tamanho da peça, variando entre 110, 130 a 150 reais.

Figura 5- Show peixe



Fonte: Arquivo do grupo Estação Cangaço, 2020.

Na **figura 6**, destaca-se outra peça confeccionada pelo grupo, essa bolsa recebe um acabamento todo especial, pois traz características elementares da região sertaneja, assim como o cacto e o sol, uma alusão às altas temperaturas do local. Com a integração desses elementos que remetem a região, as bolsas são vendidas a partir 90 reais chegando a 350 e 500 reais.

Figura 6- Bolsa que remete as características do sertão alagoano



Fonte: autoria própria, 2020.

No processo de desenvolvimento das peças é importante salientar que os artesãos reaproveitam todos os resíduos na produção. Conforme aponta Joana:

O resto de couro a gente aproveita e faz colar, não joga nada fora.

Além disso, quando uma peça não é vendida ou acaba se deteriorando, essa unidade é renovada e colocada para a venda novamente.

Nesse sentido, na **figura 7** têm-se as tiaras que na maioria das vezes são confeccionadas a partir dos resíduos gerados na produção. Por fim, alguns preços variam entre 24 e 25 reais a depender da elaboração da peça.

Figura 7- Tiaras produzidas a partir de resíduos



Fonte: autoria própria, 2020.

Outras peças produzidas, em parte, através dos resíduos da produção, são os colares e os chaveiros. Os acessórios possuem variadas expressões, bem como representações de peixes, cacto, chapéu de lampião entre outras características. Conforme é possível visualizar na **figura 8**. Os colares custam entre 15, 30 e 55 reais.

Figura 8- Colares e chaveiros



Fonte: autoria própria, 2020.

Na **figura 9**, encontram-se demais artefatos, desenvolvidos a partir do couro da tilapia, assim como de materiais responsáveis para o acabamento da peça, tal como zíper, papelão e pano para revestir a peça. As unidades custam entre 35 a 40 reais.

Figura 9- Porta- cartões



Fonte: autoria própria, 2020.

Nesse contexto, além da comercialização local, especialmente em períodos de férias como novembro, dezembro, janeiro e fevereiro. Os artesãos já venderam suas peças na capital alagoana Maceió e em feiras e eventos realizados em outros estados, como Brasília e São Paulo. Entretanto, os artesãos comentam que atualmente não estão participando muito dos eventos devido à falta de recursos financeiros. Mas quando têm as oportunidades sempre existe a participação de um ou mais representantes da associação.

Ao participar de eventos em outras regiões o nome do grupo está sendo divulgado,

bem como a criatividade e a qualidade das peças. Em relação à experiência das vendas em outras localidades, Joana ressalta:

[...] é muito bom porque tá divulgando nossas peças, aqui a gente vende mais aos turistas.

Dessa forma, é relevante enfatizar que os turistas representam uma parcela considerável dos clientes. Por consequência, quanto mais divulgado for o produto a tendência é que mais turistas comprem as peças.

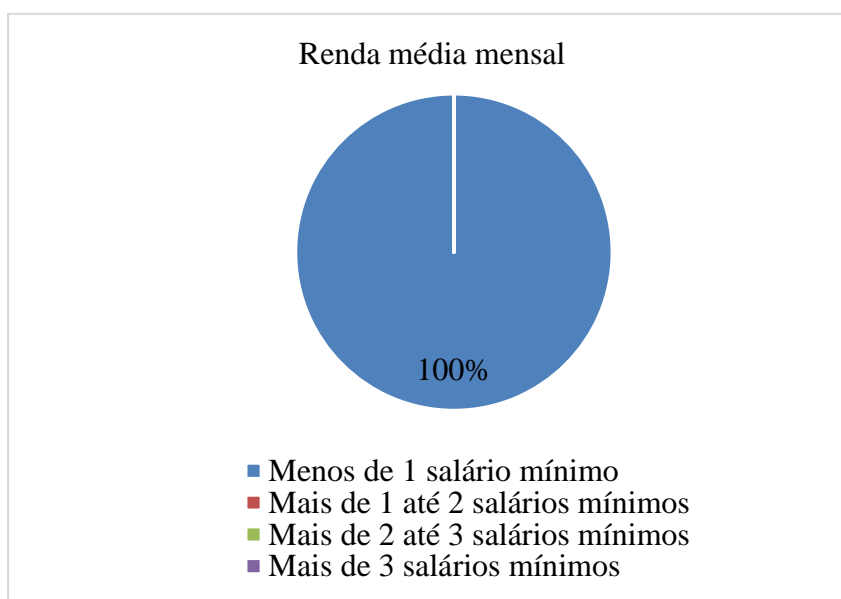
Ainda relação a participação do grupo em eventos, pode-se perceber que a renda gerada através das vendas, possibilita um rendimento maior ao final do mês. Como relata Maria:

A importância dos eventos fora [...] é que além de termos a possibilidade de divulgar o nosso trabalho que é o mais importante, é a gente saber que a gente vai ter um a mais no final do mês, porque a gente sabe que sendo só o daqui mesmo que a gente vende é pouco. E quando a gente sai pra fora, quando a gente vende em outros lugares, tem a possibilidade de vender em outros eventos, em outros locais a gente sabe que no final do mês a gente vai ter mais um pouquinho da nossa renda.

Além disso, os associados trabalham por produção, se um produz mais, em consequência recebe um valor a mais. Mas conforme relatos de um artesão a renda mensal de todos não é muito diferente. Além da renda dos associados o grupo reserva uma parte para os gastos extras, bem como água, luz e despesas para a produção. Para ajudar nesse controle o grupo faz uso de registros que identificam as entradas e saídas de mercadorias, assim como os gastos da associação. É um controle financeiro realizado a partir dos registros em cadernetas. Em relação às despesas, a associação recebe apoio da prefeitura local, pois a locação do imóvel onde a sede está localizada é pago pela prefeitura.

Ao tratar da renda dos artesãos verificamos que 100% dos artesãos, conforme aponta a **figura 10**, têm os rendimentos abaixo do salário mínimo atual. Desse modo, a renda oriunda da produção representa apenas um complemento, pois somente a produção de artesanato não é capaz de prover todas as necessidades básicas dos integrantes da associação. Reportemo-nos para os dados seguintes:

Figura 10- Renda média mensal da produção de artesanato



Fonte: elaborado pela autora, 2020.

Porém, a renda gerada apresenta importantes funções. Conforme aponta Maria:

O que dá pra gente fazer com o que a gente ganha é a gente poder comprar alguma coisa pra nós mesmas é poder ajudar em casa pagar um talão de água de energia, a gente comprar uma roupa pra um filho, pra gente mesmo, essas coisas assim. [...] é pouco o que a gente até então consegue, mais esse pouco dá pra gente ir suprindo algumas necessidades.

Quanto aos principais motivos para o ingresso na produção artesanal, destaca-se o gostar de produzir as peças de artesanato e a renda extra oriunda da produção. Em relação a importância atribuída ao artesanato. Ana ressalta:

Eu amo fazer artesanato, até porque se eu não gostasse não estaria lá, amo é uma forma de adquirir conhecimentos [...] a mente fica melhor, mais tranquila.

Para além de ganhos econômicos, o processo de produção envolve uma satisfação pessoal na elaboração do produto. Ao elaborar a peça o artesão envolve-se em cada detalhe, movido através de ideias, criatividade, conhecimentos, cultura e inspirações. Algo que de certa forma, influencia o entusiasmo e a melhoria da qualidade de vida dos artesãos.

Ainda em relação a importância do artesanato. Joana destaca:

[...] aprendi a coisa que eu não sabia e também é uma coisa que ia pra o lixo e você tá aproveitando uma coisa que tem um valor agregado.

Diante deste relato, a artesã ressalta que antes da associação, não produzia o artesanato atualmente vendido, um fato comum entre os sócios. Todavia, observa-se o poder criativo que

existe entre os artesãos no reconhecimento da qualidade e originalidade dos artefatos, o que propicia um valor adicionado nas peças.

Durante a abordagem, identifica-se uma percepção aliada à sustentabilidade que se faz presente na associação. Quanto à matéria prima principal, esta possui potencial para reciclagem e reaproveitamento para produzir belas peças de artesanato, enquanto muitas das vezes era descartada. Assim, quando ocorreu a junção entre a criatividade dos artesãos, bem com o uso dos conhecimentos e habilidades adquiridas, resultou-se como é o caso em produtos com maior valor agregado.

Creriosamente, os artesões não estão recebendo novos sócios, pois no período atual a associação está se estabelecendo na economia local. Mas, antes se alguém manifestasse interesse para se associar, era estabelecido um período de quinze dias ou um pouco mais para os interessados acompanharem o processo de produção. Caso o indivíduo apresente um bom desenvolvimento após esse período já poderia se associar.

Logo no início da pandemia, a produção do grupo foi suspensa por alguns meses. Posteriormente, os artesãos iniciaram as elaborações de peças, pretendendo-se o abastecimento dos estoques, para uma provável abertura do comércio. Vale ressaltar que nesse período não houve vendas. Conforme relata Maria:

E questão da pandemia logo no início nós fechamos passamos uns dois meses sem ir e voltamos depois até pra ir fazendo algumas coisas pra quando voltar-se como voltou agora a gente ter mais algumas peças, e em questão da pandemia a gente fechou totalmente, a gente não teve venda nenhuma até porque o foco das nossas vendas no momento é aqui em Piranhas e tava tudo fechado, a casa de arte e tudo estava sem o turista então nós não tivemos vendas [...].

Agora, com os pontos de comercialização funcionando, o grupo retornou com as vendas. Porém, existe ainda uma diminuição considerável dos rendimentos mensais.

Para tanto, é importante pontuar que a produção está crescendo aos poucos, porque dentro desse processo, falta mercado para comercialização o que acaba influenciando nas vendas, além disto, a falta de apoio e recursos financeiros inibe, muitas vezes, a participação do grupo em eventos. Outra questão que representa um empecilho para o desenvolvimento é a falta de divulgação do grupo, anteriormente existia um funcionário que trabalhava com a questão das mídias sociais, em especial o Instagram, mas atualmente a pessoa saiu da função e a rede social não está sendo mantida. No momento atual, houve uma redução dos rendimentos, influenciando sobre vários aspectos a vida do artesão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa abordou aspectos da EC, particularmente o artesanato e suas contribuições para o desenvolvimento local. Na atualidade, existe uma maior atenção, em relação aos caminhos viáveis para o desenvolvimento, a grande questão é conciliar o desenvolvimento, com a preservação ambiental e a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos. Dessa forma, o setor criativo aliado ao desenvolvimento, revela um cenário promissor em meios aos desafios de um mundo globalizado.

A EC adiciona em seus postulados a questão sustentável, que envolve de maneira ampla, a conciliação entre o aspecto social, econômico e ambiental. Em resumo, o segmento propõe incluir o homem na produção e gerar renda e emprego a partir dos conhecimentos, criatividade e habilidades. Nesse sentido, a essência para a produção situa-se em matérias primas ou recursos renováveis estratégicos para a sustentabilidade do planeta.

Além disso, é importante frisar que o desenvolvimento local, atua no mesmo sentido. Porém baseados em seus próprios princípios, o segmento propõe a inclusão social, o indivíduo é peça fundamental para a geração de emprego e renda, uma vez que reconhece os pontos positivos e negativos da localidade, através desse reconhecimento é possível trilhar caminhos para fomentar o desenvolvimento local. Ademais, o ambiente deve ser preservado, pois esse é um dos principais recursos para desenvolver o local.

Nesse contexto, é relevante destacar que toda interação com o ambiente propicia a geração de resíduos, em maior ou menor grau, algo inevitável. Porém, ambos conceitos visam caminhos que reduzem impactos ao meio ambiente, uma vez que os produtos ou serviços disponibilizados tem uma maior atenção e responsabilidade para prováveis consequências ao meio ambiente.

Além disso, a EC também propõe valorizar a cultura, preservar, gerar renda e emprego a partir da imensa diversidade cultural. Nesse aspecto, o desenvolvimento local, atua no mesmo sentido, trabalhando a cultura como peça fundamental para melhoria local. Dessa forma, o grupo Estação Cangaço, exemplifica a utilização dos aspectos locais, para elaborar peças de artesanato que possibilita de certa forma com inovação a geração de emprego e renda.

Assim, o artesão conhecedor de todo o processo produtivo, envolve-se na criação, fazendo uso da criatividade e habilidades que revelam o objeto estético, além do mais o artefato se associa aos aspectos da cultura local, bem como experiências atribuídas por cada artesão. Dessa forma, a singularidade em cada peça possibilita a diferenciação dentre as demais inseridas no mercado consumidor.

Em relação a EC no Brasil, pode-se ressaltar que o segmento abrange uma parcela considerável da economia. Mas conforme os últimos dados, sofreu um declínio na participação do PIB, em decorrência de crises no cenário econômico. Contudo, mesmo em tempos difíceis houve áreas da EC que aumentaram a participação dos profissionais, também é importante destacar que em termos monetários o setor criativo releva-se promissor. Isso expõe um ambiente favorável ao aparecimento de oportunidades criativas. Contudo, o setor necessita de políticas públicas, assim como estudos e dados para favorecer o segmento e os envolvidos da área.

Em termos de artesanato o país, encontra-se bem representado, pois em todas as regiões do Brasil é possível verificar a existência de produção artesanal. O segmento apresenta tipologias diversas que na maioria das vezes utilizam-se de características locais para a elaboração das peças. Algo semelhante acontece em Alagoas, com sua imensa riqueza cultural, resguarda nas variadas regiões do Estado uma produção de artesanato ampla e diversificada.

Em relação a EC, o território alagoano dispõe de setores que aos poucos ganham espaço na economia do Estado. Entretanto, quando comparado com as demais unidades federativas é notável a pouca participação dos profissionais no setor criativo. Ressaltamos, porém, que os números podem ser superiores, levando em consideração casos de informalidade.

Com base no contexto da experiência de Piranhas observa-se uma riqueza cultural, arquitetônica e ambiental, reconhecidos internacionalmente. Isso concretiza-se em uma cidade turística reconhecida em várias localidades e sendo berço para a realização de inúmeras produções culturais, bem como novelas e filmes. Em meio às riquezas locais, o artesanato emerge com suas particularidades locais.

Nesse sentido, é importante pontuar que conforme citaram algumas artesãs o setor de turismo favorece a venda da maioria das peças. Ainda assim, deve-se enfatizar a nova relação entre consumidor e produto, revelando um consumidor atencioso em cada detalhe, que busca além do artefato em si as experiências e vivências, entre artesão e artesanato. Essa concepção do novo consumidor, foi identificado pelo grupo de artesanato, o mesmo percebeu o interesse do turista em relação a peça e ao contexto por trás do objeto. Nessa relação as peças podem torna-se um produto turístico, ou seja, um dos atrativos para o retorno dos visitantes.

Para tanto, o grupo encontra-se organizado através da Associação dos Artesãos em Couro de Tilápia- AACT. A formação se deu através da interação entre os indivíduos locais e os agentes públicos internos e externos, isso revela algo positivo, pois houve a interação de

múltiplos atores que colaboraram para o início deste grupo. Nesse contexto, também existiu o pensar no local e tirar desse instrumento para enriquecer as peças de artesanato e por consequência fomentar a geração de renda a partir das potencialidades locais.

Entretanto, a articulação entre os indivíduos e os agentes públicos fragmenta-se ao decorrer dos anos. Tendo em vista, o distanciamento provocado por órgãos públicos, locais ou estaduais. Isso desarticula de certa forma o grupo, algo revelado nos desafios para a comercialização e participação em eventos e feiras de artesanato. Em contrapartida, os artesãos procuram expandir as vendas para as proximidades do município e quando possui recursos suficientes, participam de eventos e feiras de artesanato.

É importante destacar que o processo de desenvolvimento das peças, envolve uma satisfação na elaboração do objeto, esse aspecto encontra bases nos princípios da EC. A questão é identificada através de umas das artesãs do grupo, a mesma ressalta o gostar de produzir as peças, tornando-se um dos fatores predominantes para a permanência na produção. Vale destacar que o grupo envolve em seus princípios, a questão sustentável, produzindo com maior responsabilidade e atenção, uma vez que a produção desenvolve peças de artesanato a partir da utilização do couro da tilápia, ademais, produz novos artefatos reutilizando retalhos de peças anteriores e inovando na confecção de peças que não foram vendidas.

Para tanto, o grupo de artesanato participa da EC e conduz em suas origens, bases que proporcionam vias para o desenvolvimento local. Contudo, é necessária uma maior articulação entre os artesãos e os agentes públicos internos e externos, sendo fundamental por parte dos agentes públicos, sanar privações que impossibilite os indivíduos locais na atuação dos seus próprios destinos. Nesse contexto, é necessário dentre outras atuações, políticas públicas mais inclusivas. Mas, apesar de desafios existentes os artesãos desenvolvem peças bem elaboradas, com qualidade e atenção em cada detalhe. Além disso, pretende expandir a comercialização algo que colabora para rendimentos mais sustentáveis.

É importante salientar que mediante o contexto atual, a situação financeira do grupo encontra-se em processo de recuperação. Em relação a minimização de impactos para o setor é perceptível a falta de articulação, organização e envolvimento dos agentes públicos. Na ausência de apoio para vender os produtos, o grupo de artesanato acabou reduzindo as vendas. Por outro lado, a falta de manutenção das redes sociais, por parte do artesão responsável, provavelmente colaborou para o processo. Agora, com o comércio aberto, as vendas retornaram e aos poucos o turista retorna para a região. Os impactos positivos ainda são incipientes, mas se mostra como um caminho promissor para o desenvolvimento local.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E.M.L.S.; FLEITH, D.S. **Criatividade: múltiplas perspectivas**. 3 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.
- ARAGÃO, J. W. M.; NETA, M. A. H. M. **Metodologia Científica**. Salvador: UFBA, Faculdade de Educação, Superintendência de Educação a Distância, 2017.
- ANTUNES, V. N. B.; SILVA, J. S.; BRITO, M. N. O patrimônio cultural imaterial de Alagoas como estratégia de desenvolvimento territorial. **GEOSUL**, Florianópolis, Santa Catarina, v. 33, n. 69, p.47-65, dez. 2018.
- ARAÚJO, A. M. C.; AMORIM, E. R. A.; FERREIRA, V. C. O sentido do trabalho da mulher no contexto da reestruturação positiva. In: VIII Congresso Luso Afro brasileiro de ciências sociais, 2004, Coimbra. **Questões Feministas nas ciências sociais: em busca do tempo presente**.
- ALVES, A. **Alagoas feita à mão**- 2017. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=308073>>. Acesso em: 29 jun. 2020.
- BARRETTO, M. Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento. 4. ed., Campinas: Papyrus 2003.
- BETTIOL, W.; CAMARGO, O. A. VIII Impacto ambiental do uso agrícola do lado do esgoto. In: SPADOTTO, C. A.; RIBEIRO, W.C. (Ed.). **Gestão de resíduos na agricultura e agroindústria**. Botucatu: FEPAF, 2006. cap. 8. p. 181-204. Disponível em: <<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/1024074>>. Acesso em: 30 jun. 2020.
- BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável: Metodologia de planejamento**. 4. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- BEZERRA, F. J. A. et. al. (Orgs). **Perfil socioeconômico de Alagoas**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2015.
- CANEDO, D. Cultura é o quê? Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. In: **V ENECULT-Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, Bahia**, v. 27, 2009.
- CARVALHO, C. P. **Formação histórica de Alagoas**. 3. ed. Maceió: Edufal, 2015.
- CASTRO, T. R. et. al. Economia Criativa: desafios, oportunidades de negócios e fator de desenvolvimento econômico sustentável no setor de artesanato de couro no município de Pacujá – Ceará. **Revista de Administração e Negócios da Amazônia**, Amazônia, n. 3, v. 10, p. 31-52, set. /dez. 2018.
- CASTILHO, M. A. et. al. Artesanato e saberes locais no contexto do desenvolvimento local. **Interações (Campo Grande)**, v. 18, n. 3, p. 191-202, set. 2017.
- CARDOSO, L. **Galeria Alagoas Feita à mão pretende estimular vendas de artesanato durante período de isolamento**- 2020. Disponível em: <

<http://www.sedetur.al.gov.br/noticia/item/2652-galeria-alagoas-feita-a-mao-pretende-estimular-vendas-de-artesanato-durante-periodo-de-isolamento>>. Acesso em: 19 maio 2020.

COSTA, A. D.; SANTOS, E.R. S. Economia criativa no Brasil: quadro atual, desafios e perspectivas. **Revista Economia & Tecnologia**, Paraná, n. 4, v. 27, p. 151-159, out. / dez. 2011.

DIAS, C. R. P. **Pobreza, exclusão social e desenvolvimento social**: uma análise comparada dos bairros Cachoeirinha e Jardim Aeroporto na cidade de Bocaiuva-MG. 2010, 175 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) - Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Montes Claros, 2010.

DEHEINZELIN, L. **Entrevistão com a consultora Lala Deheinzelin** Economia criativa é uma nova forma de gerar riqueza e qualidade de vida- 2016. Disponível em: <<https://diarinho.com.br/noticias-quentinhas/entrevistao-com-a-consultora-lala-deheinzelin/>>. Acesso em: 16 out 2017.

FIRJAN, S. Mapeamento da indústria criativa no Brasil. Rio de Janeiro, 2019.

FONSECA, D. B. C.; ARAUJO, L. M.; DUARTE, A. G. Oportunidades para o turismo criativo em Alagoas, Brasil: o caso da renda ‘singleza’ em Paripueira. **Revista Iberoamericana de Turismo**, Penedo, v. 8, n. 2, p. 270-287, dez. 2018.

GOMES, D. S. **Cultura, criatividade e inovação**: reflexões sobre economia criativa e desenvolvimento. 2016. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas) - Unidade Santana do Ipanema, Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Alagoas- UFAL, Santana do Ipanema, 2018.

GRAMACHO, A. P. C.; SÁ, N. S. C.; SOUZA, R. C. A. O artesanato da região do baixo São Francisco: suas características, níveis de organização e geração de renda. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v.3, p. 115 – 142, dez. 2017. Edição especial.

IBGE. **Brasil/ Alagoas/ Piranhas**. Disponível em :< <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/al/piranhas.html>>. Acesso em: 10 maio 2020.

IBGE. **Brasil/ Alagoas/ Piranhas/ História & Fotos**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/piranhas/historico>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

IBGE. **Brasil/ Alagoas**. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/panorama>>. Acesso em: 10 maio 2020.

LIMA, C. L. C. Cultura como vetor de desenvolvimento: algumas considerações para o estado da Bahia. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, v. 28, n. 2, p. 178- 195, fev. 2019.

LOPES, G. C. L. A. Continuidades e mudanças da estrutura econômica alagoana (1989 – 2017). **Revista economia política do desenvolvimento**, Maceió, v. 5, n. 8, p. 1- 21, dez. 2018.

MARCHI, L. Análise do Plano da Secretaria da Economia Criativa e as transformações na relação entre Estado e cultura no Brasil. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 193-

215, jan. / jun. 2014.

MARX, Karl. **O Capital** - Crítica da Economia Política. Livro 1 – O Processo de Produção do Capital, vol.1-2. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MACHADO, J. P. O conceito de artesanato: Uma produção manual. **Revista de Ciências Humanas e Sociais**, v. 2, n. 2, p. 52-72, set. / dez. 2016.

MACHADO, L. A. Economia criativa: definições, impactos e desafios. **Revista de Economia e Relações Internacionais** / Faculdade de Economia da Fundação Armando Alvares Penteado.- Vol. 11, n. 21, São Paulo: FEC-FAAP, 2012.

MARQUES, M. G. **Fatores de inovação através do artesanato do nordeste do Brasil**. 2015. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Turismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN, Natal. 2015.

MELLO, J. C. Mestres das artes, Mestres do patrimônio. Por uma economia da cultura em Alagoas a partir do artesanato em barro. In: **XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimento histórico e diálogo social**, Natal, Rio Grande do Norte, 2013.

MENESES, C. A.; MUNIZ, B. M.; SILVA, M. A. Os engenhos de açúcar e a construção do patrimônio cultural Alagoano. In: **IV Colóquio Engenhos de Açúcar**, 2013, Maceió, p. 1-20.

MILANI, A. M. R.; GRADE, M. A criação de espaços sociais como forma de luta das mulheres artesãs de alagoas: a experiência da economia solidária. **GEOSUL**, Florianópolis, Santa Catarina, v. 33, n. 69, p.139-164, dez. 2018.

NEWBIGIN, J. **Economia Criativa**: um guia introdutório. Reino Unido: British Council, 2010.

NERY, S. Economia criativa: entre a moda e o artesanato. **Latitude**, vol. 6, n.2, p.221-239, 2012

OLIVEIRA, A. G.; SILVA, C. L.; LOVATO, E. L. Desenvolvimento Local: Conceitos e metodologias- políticas públicas de desenvolvimento rural e urbano. **Revista Orbis Latina**, Foz do Iguaçu, Paraná, v. 4, n. 1, p. 110- 123, jan.- dez. 2014.

OLIVEIRA, C. A. As Relações Artesanais e o Estímulo ao Desenvolvimento Local no Brasil, em Gouveia-MG e Outras Diferentes Escalas. (**Dissertação de Mestrado**), apresentada na Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. Acesso em: 13 Out 2017.

PAB. **Transparência**. Disponível em: <<http://www.artesanatobrasileiro.gov.br/pagina/40>>. Acesso em: 11 set. 2020.

RAMOS, S. P. Políticas e processos produtivos do artesanato brasileiro como atrativo de um turismo cultural. **Rosa dos Ventos**, v. 5, n. 1, p. 44-59, jan. /mar. 2013.

REIS, A. C. F.; DEHEINZELIN, L. (Org.). **Cadernos de Economia Criativa: Economia**

Criativa e Desenvolvimento Local. Vitória: SEBRAE, 2008.

REIS, F. A. S. A importância da proteção ambiental frente à estruturação do princípio do desenvolvimento sustentável em sua base constitucional. **Meritum**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 1-15, jul. /dez. 2018.

SANTOS, T. S. **Desenvolvimento local e artesanato:** uma análise de dois municípios de Minas Gerais. 2011. 128 f. Dissertação (Mestrado em Administração) -Universidade Federal de Lavras- UFLA, Lavras, 2011.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Cia das Letras, 2000.

SOARES, M. A. A. **A canção e o samba tebei:** literatura, cultura e movimento quilombola no distrito Piau, Piranhas, Alagoas. 2019. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) - Unidade Delmiro Gouveia-Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2019.

SANTOS, A. M. P.; SOUZA, R. O. estudo de caso sobre os aspectos econômicos do artesanato da associação dos artesãos da feira de artesanato-FEART, em Juazeiro do Norte–CE. **Ciência e Sustentabilidade**, v. 2, n. 1, p. 124-148, 2016.

SCHULTER, E. P.; FILHO, J. E. R. V. **Evolução da piscicultura no brasil: diagnóstico e desenvolvimento da cadeia produtiva de tilápia.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, 2017, 35p.

TENÓRIO, D. A. O fazer popular das Alagoas. In: Dantas, C. L.; TENÓRIO, D. A.; CARVALHO, C. P. (Orgs.). **Mestres Artesãos das Alagoas.** 2ª ed. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2014.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial.** Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2006.

UNCTAD. **Relatório de economia criativa 2010:** Economia Criativa: Uma Opção de Desenvolvimento Viável. São Paulo: Itaú Cultural. 2012. Disponível em:< <http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/360513.PDF>>. Acesso: 11 set. 2020.

VALIATI, L; MOLLER, G. (Orgs.). **Economia criativa, cultura e políticas públicas.** Porto Alegre: Editora da UFRGS/CEGOV, 2016.

VAL, P. C.; MAKIYA, I. K.; CUNHA, M. V. F. Diversidade Cultural e Análise Regional do Artesanato no Brasil sob a ótica da Economia criativa. In: X Congresso nacional de excelência em gestão, Niterói, 2014. **Gestão e Design de Produtos e Serviços para a Sustentabilidade.**

VOGT, O. P. Patrimônio cultural: um conceito em construção. **MÉTIS: história & cultura**, v. 7, n. 13, p. 13- 31, jan. /jun. 2008.

VENTURA, L. **A cidade de Piranhas- AL como objeto de ensino geográfico.** 2019. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Unidade Delmiro Gouveia – Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2019.